



instituto de **química**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**PERIFERIA, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA: PERCEBER A PANDEMIA COMO  
POTENCIALIZADORA DA SEGREGAÇÃO SOCIAL A PARTIR DE RELATOS DE  
PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Luma Toscano Zenha Leite

Trabalho Final de Curso

Rio de Janeiro

2022

**Luma Toscano Zenha Leite**

**PERIFERIA, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA: PERCEBER A  
PANDEMIA COMO POTENCIALIZADORA DA  
SEGREGAÇÃO SOCIAL A PARTIR DE RELATOS DE  
PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho Final de Curso submetido ao Corpo Docente do Instituto de Química, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciada em Química.

Aprovado por:

---

Prof. Ricardo Cunha Michel, doutor

---

Profa. Rozana Gomes de Abreu, doutora

---

Prof. Waldmir Nascimento Araújo Neto, doutor (Orientador)

## CIP - Catalogação na Publicação

L533p Leite, Luma Toscano Zenha  
Periferia, educação e resistência: perceber a  
pandemia como potencializadora da segregação social  
a partir de relatos de professoras da educação  
básica / Luma Toscano Zenha Leite. -- Rio de  
Janeiro, 2022.  
57 f.

Orientador: Waldmir Nascimento Araújo Neto.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto  
de Química, Licenciado em Química, 2022.

1. Educação. 2. Periferia. 3. Pensamento abissal.  
4. Pandemia de Covid-19. 5. Relato de professor. I.  
Araújo Neto, Waldmir Nascimento, orient. II. Título.

“Antes da pandemia a gente  
já vivia o pandemônio”

Paulo Galo (líder dos entregadores antifascistas)

## AGRADECIMENTOS

Ao meus pais, Juliana Zenha e Renato Leite, e meu irmão Cauã que são a minha base, e sempre me apoiam em todas as minhas decisões, me encorajam a ir atrás dos meus sonhos e sonham junto comigo. Se não fosse por eles eu não estaria completando a graduação e nem tão certa do que eu quero para o meu futuro.

À toda minha família, minha vó Lena, vó Lúcia, aos meus padrinhos, tia Kátia e tio Dudu, que sempre se preocupam comigo e que me deram força durante toda a minha graduação. Ao tio Cocó que sempre me apoiou, e que me deu um abrigo no início dessa jornada no Rio de Janeiro, sem ele eu não teria me adaptado tão bem a essa cidade.

Às minhas amigas Luiza, Daniela, Samara e Tainah que durante toda a graduação foram a minha família no Rio, e que me ajudaram nos momentos que eu achei que não daria conta. Às minhas amigas e companheiras de apartamento, Larissa e Bia, que nessa reta final da graduação foram essenciais para que eu não surtasse. Às minhas amigas de BH, do AowPot e do Bernoulli, que mesmo com a distância permanecem presentes na minha vida.

À bateria Descomunal que me proporcionou os melhores momentos na faculdade e os melhores amigos que eu poderia ter na graduação. Às minhas antigas companheiras de apartamento, do eterno 503B, que compartilharam ótimos momentos comigo.

Aos meus professores da graduação que me fizeram entender realmente o que eu gostava e que me encorajaram a mudar de curso e ir atrás dos meus sonhos. Aos professores do LadQuim, especialmente a Adriana Lages, que foi minha orientadora no projeto que mudou minha visão sobre a prática docente e me fez ter certeza que eu queria ser professora.

Ao meu orientador, Waldmir Neto, que foi um professor excepcional, em todas as matérias que fiz com ele, me fazendo refletir sobre a profissão que quero seguir, e que durante a escrita deste trabalho sempre foi muito compreensivo, me aconselhando e me auxiliando em momentos de angústia.

Resumo do Projeto Final apresentado ao Instituto de Química como parte dos requisitos necessários para conclusão do curso de Licenciatura em Química

Luma Toscano Zenha Leite

## **PERIFERIA, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA: PERCEBER A PANDEMIA COMO POTENCIALIZADORA DA SEGREGAÇÃO SOCIAL A PARTIR DE RELATOS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Durante a pandemia de Covid-19, diante da necessidade de isolamento social para preservar vidas, a educação básica precisou se reinventar, sendo o ensino remoto utilizado como estratégia. A escrita deste trabalho ocorre logo após a pandemia e tem como objetivos estudar impactos da Covid-19 na educação em periferias; problematizar os impactos das medidas emergenciais governamentais; refletir sobre as diversas emergências vivenciadas por alunos de periferia e investigar se a pandemia legitimou a segregação social. Para tanto, utiliza-se como referência teórica o conceito do pensamento abissal, elaborado por Boaventura de Souza Santos. O pensamento abissal trata sobre a existência de linhas imaginárias intransponíveis que separa diferentes tipos de realidades, impossibilitando a copresença dos dois lados, e dessa forma, tudo que está do outro lado da linha é invisibilizado e excluído de forma abissal. A partir desta referência, Boaventura considera que a emergência sanitária experimentada pelos moradores de periferias durante a pandemia, somou-se a outras já vivenciadas por eles, como a emergência alimentar e a da violência. Para responder aos objetivos propostos, utiliza-se como metodologia as entrevistas semiestruturadas. Neste percurso foram entrevistadas três professoras do ensino básico de escolas públicas, sendo duas da baixada fluminense, no Rio de Janeiro, e uma de Belo Horizonte. As perguntas e as respostas foram organizadas em três mapas de eventos, destacando as informações mais relevantes. A partir dessas conversas nota-se que não houve orientações claras das secretarias de educação para a implementação do ensino remoto, e nem coordenação entre os governos federais e estaduais, fazendo com que os gestores escolares ficassem sobrecarregados. As escolas de periferia sem condições de implementar o ensino online foram colocadas em segundo plano pelo governo. Por fim, a utilização da internet aumentou a exclusão abissal vivenciada por alunos pobres de periferia e assim a segregação social foi legitimada.

**Palavras-chaves:** pandemia de covid-19, educação, pensamento abissal, periferias, relato de professor.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADPF de favelas	Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 635
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
FBSSAN	Fórum Brasileiro e Segurança Alimentar e Nutricional
FNSP	Fundo Nacional de Segurança Pública
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PET	Plano de estudos tutorados
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
SEEDUC-RJ	Secretaria de Educação do estado do Rio de Janeiro
SEE/MG	Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais
SEMED-Nova Iguaçu	Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	<b>13</b>
2.1 Objetivo Geral .....	13
2.2 Objetivos específicos .....	13
<b>3 PENSAMENTO ABISSAL</b> .....	<b>14</b>
3.1 As linhas abissais com predominância econômica .....	16
3.2 As linhas abissais com predominância racista-colonialista .....	16
3.3 As zonas cinzentas ou intermédias de exclusão .....	17
<b>4 EMERGÊNCIAS</b> .....	<b>19</b>
4.1 Emergência alimentar .....	19
4.2 Emergência da violência .....	22
4.3 Emergência de transtornos psicológicos .....	24
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	<b>26</b>
<b>6 RELATO DAS ENTREVISTAS</b> .....	<b>30</b>
6.1 Panorama geral do ensino remoto .....	30
6.2 Ações emergenciais realizadas pelas escolas e pelos governos .....	32
6.3 Desafios enfrentados por professores e alunos na pandemia .....	36
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>40</b>
<b>8 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>42</b>
<b>APÊNDICE I</b> .....	<b>45</b>
<b>APÊNDICE II</b> .....	<b>50</b>
<b>APÊNDICE III</b> .....	<b>55</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Em janeiro de 2020, o mundo tomou conhecimento de um novo coronavírus que estava assolando a região centro-sul da China, especialmente na cidade de Wuhan (OPAS, 2021). O vírus, batizado de Sars-Cov-2, causa uma infecção respiratória aguda denominada Covid-19, possui elevada transmissibilidade e em poucos meses se espalhou por vários países (BROOKS et al., 2020).

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou tratar de uma pandemia e em poucos meses milhões de casos foram confirmados em todo o planeta (OPAS, 2020). No Brasil, o vírus se espalhou rapidamente e a população só começou a ser vacinada em janeiro de 2021, sendo que até o momento um pouco mais de 670 mil pessoas morreram no país<sup>1</sup> (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

No início da pandemia, uma das primeiras medidas tomadas pelo governo para tentar diminuir a propagação do vírus foi a suspensão das aulas do ensino básico. Com a imprevisibilidade do tempo de duração da pandemia, e pela inexistência de vacinas para conter a doença, em meados de 2020, as aulas do ensino médio, fundamental e infantil passaram a ser remotas.

Uma falsa ideia que foi disseminada durante a pandemia foi a de que o vírus era democrático, infectando e matando pessoas independente da classe social. A realidade mostrou que não foi bem assim, a desigualdade se fez presente na propagação do vírus pela sociedade, no tratamento dos doentes e no número de pessoas mortas pela doença. De acordo com Boaventura, a Covid-19 “não só reflete, como aprofunda as desigualdades e as discriminações que vigoram na sociedade contemporânea” (SANTOS, B. 2021, p.103), e diante disso, o autor considera a pandemia como discriminadora.

Enquanto alguns tiveram o privilégio de poder trabalhar e/ou estudar remotamente de casa, pois tinham estrutura para isso, acesso à internet e conforto, outros não tinham a mesma realidade. Essas pessoas não puderam ficar em casa porque tinham que sair para trabalhar ou para procurar trabalho, uma vez que o desemprego aumentou expressivamente durante a pandemia, e conseqüentemente o número de trabalhadores informais. Um levantamento feito pelo IBGE, constatou que

---

<sup>1</sup> Dados obtidos em junho de 2022, através do Painel Coronavírus, plataforma do Ministério da Saúde atualizada semanalmente. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 27 de jun. 2022

durante o primeiro ano de pandemia o Brasil passou a ter 3,3 milhões a mais de pessoas desempregadas (PAPP, GERBELLI, MIDDLEJ, 2021). Esse dado mostra como a pandemia acelerou o processo de crise econômica que o Brasil já vivia e como as pessoas vivenciaram a pandemia de formas distintas.

A motivação desta pesquisa se deu a partir do desejo de entender mais profundamente qual foi o impacto da pandemia de Covid-19 em escolas públicas de periferias brasileiras. Durante o ano de 2020 percebi que a pandemia interferia de formas diferentes na vida de pessoas de classes econômicas diferentes, e, portanto, em 2021 comecei a estudar mais sobre o assunto. Algumas perguntas ficavam na minha mente: como as escolas públicas de bairros pobres, que muitas vezes não possuem nem computador, vão conseguir se adaptar ao ensino remoto? Será que os alunos dessas escolas possuem internet em casa? Será que as escolas ou o governo os auxiliaram de alguma forma?

A partir disso, utilizei o livro “O futuro começa agora: da pandemia à utopia” do autor Boaventura de Sousa Santos como meu referencial teórico. Esse livro foi lançado em janeiro de 2021 e Boaventura o começa discutindo outras pandemias que já existiram no nosso planeta e como a pandemia de Covid-19 tem aspectos em comum com todas elas. Como exemplo dessas semelhanças o autor aborda a segregação social potencializada pelos vírus, ou como os seres-humanos se percebem frágeis quando algo assim acontece. Entretanto, o autor também aborda as diferenças da última pandemia em relação às anteriores, pois foi a primeira pandemia que existiu na era digital e em um mundo globalizado, portanto o vírus se espalhou muito rapidamente, e conseguimos não ficar tão isolados, uma vez que a internet proporcionava uma sensação de proximidade.

Dois conceitos abordados no livro considerei como essenciais para a minha pesquisa: as linhas abissais, e as emergências prévias já vivenciadas por moradores das periferias pobres do mundo. O primeiro conceito já havia sido abordado anteriormente por Boaventura em um artigo intitulado “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes” e é discutido no capítulo 3 deste trabalho. Já o conceito das emergências é discutido no capítulo 4 deste trabalho.

Ao início de 2022 dei início a este projeto e ao fazer uma revisão bibliográfica do tema encontrei alguns artigos que discutiam sobre a educação periférica na pandemia. Nascimento e Sales (2020) discutem sobre os desafios da prática docente nas periferias em tempo de pandemia, eles afirmam que ao início do ensino remoto

os docentes tiveram a carga de trabalho aumentada e era esperado que todos eles tivessem internet e equipamentos eletrônicos de qualidade, que estivessem em uma localidade com bom sinal de internet e que tivessem intimidade com o uso das redes sociais. Ao longo do ensino remoto ficou claro que essa não era a realidade de muito docentes.

Os autores abordam ainda os baixos salários dos professores no Brasil: “A imoralidade do salário do docente não é o principal motivo dos baixos índices educacionais dos alunos em relação a outros países, mas, apresenta-se com um importante fator para uma melhor qualidade no ensino” (NASCIMENTO E SALES, 2020, p. 25). Dessa forma, é praticamente inimaginável que seja possível um professor se adaptar tão rapidamente a uma forma de ensino que ele não possui nenhuma experiência.

Alguns outros artigos abordam a educação durante a pandemia, como o de Camizão, Conde e Victor (2021) que discute sobre o lugar da educação especial durante o ensino remoto na pandemia, a partir da experiência de duas docentes do estado do Espírito Santo. Sousa, Paula e Queiroz (2021) discutem sobre o impacto da pandemia na aprendizagem dos alunos em processo de alfabetização, a pesquisa foi feita a partir de questionários respondidos por pais de alunos do 1º ano do ensino fundamental.

Esteves (2021) analisa em sua monografia a atuação federal no setor da educação em relação aos desafios impostos pela pandemia. A autora conclui que o

Governo federal, na figura do MEC, não exerceu propriamente seu papel, deixando os sistemas municipais e estaduais de ensino aquém do apoio que se esperava num momento de calamidade pública, promovendo tímidas ações em resposta à pandemia, além de fazer diversos cortes orçamentários a projetos de apoio aos sistemas de ensino. (ESTEVES, 2021, p. 45)

A partir da revisão da bibliografia, até maio de 2022 eu não havia encontrado nenhum trabalho que discutisse sobre a educação periférica na pandemia durante os anos de 2020 e 2021 a partir de entrevistas com professores que atuaram na educação básica durante esse período. A relevância da minha pesquisa se dá no registro histórico de como a educação se desenvolveu durante a pandemia em um cenário de periferia pobre brasileira a partir da vivência de profissionais que estavam na linha de frente nesse cenário. É de extrema importância que escutemos esses profissionais, para que os relatos nos ajude a entender os desafios dessa forma de ensino e as implicações que esse momento causará na sociedade.

Certamente, o impacto desses dois anos de ensino remoto será sentido durante os próximos anos, e a forma completamente desigual do ensino em escolas periféricas e centrais precisa ser levado em consideração. Futuramente, ao analisarmos as desigualdades sociais no país, é preciso compreender a influência dessa discrepância educacional para identificar os fatores que contribuíram para o aumento da segregação social no Brasil.

As entrevistas foram realizadas em março de 2022, portanto abordam todo o ensino durante os anos de 2020 e 2021. No momento que as conversas foram realizadas as professoras estavam retornando ao ensino presencial e estavam iniciando um novo ano letivo. As profissionais escolhidas para as entrevistas contribuíram para o andamento da pesquisa uma vez que elas trabalhavam em escolas tanto estaduais quanto municipais, e em cidades e estados diferentes, desse modo enriquecendo o trabalho, pois relataram as suas vivências em diferentes contextos.

À vista disso, este trabalho irá se apresentar da seguinte forma. Nos capítulos 3 e 4 iremos discutir conceitualmente o referencial teórico, abordarei o que é o pensamento abissal e o que são as emergências enfrentadas pela população mais pobre. No capítulo 5 será explicada qual foi a metodologia do trabalho, como foram feitas as entrevistas e quem são as professoras entrevistadas. No capítulo 6 será discutido sobre o que foi falado nas entrevistas e qual a relação da fala das professoras com o que o Boaventura aborda em seu livro. Por fim, no capítulo 7 será feita a conclusão e as considerações finais.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

O objetivo deste trabalho é estudar impactos da Covid-19 na educação, a partir do relato de professoras de escolas públicas situadas em regiões de periferia, além de oferecer um registro histórico sobre como esses espaços escolares e docentes foram afetados durante a pandemia no decorrer dos anos de 2020 e 2021.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Problematizar os impactos das medidas emergenciais governamentais adotadas em três escolas, sendo duas no estado do Rio de Janeiro e uma em Minas Gerais.
- Refletir acerca das emergências vivenciadas por alunos de periferia diante da pandemia do Covid-19, a partir do relato de docentes no intercurso da pandemia, ao estabelecer registros das narrativas docentes associadas a elas com vistas ao debate na formação inicial de professores.
- Investigar como a pandemia de Covid-19 legitimou dispositivos de segregação já instalados historicamente pela sociedade brasileira, a partir do relato de profissionais da educação, ao cotejar as questões relatadas pelas docentes com o quadro teórico de referência da pesquisa.

### 3 PENSAMENTO ABISSAL

O pensamento abissal, estruturado por Boaventura, aborda a existência de uma linha imaginária e intransponível, que separa duas realidades distintas, fazendo com que seja impossível a copresença nos dois lados, uma vez que essa linha está muito bem estabelecida (SANTOS, 2007). O pensamento moderno ocidental é baseado em “um sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras” (SANTOS, 2007, p. 71), e são essas distinções invisíveis que fazem com que grupos de pessoas fiquem de um lado da linha ou do outro.

Santos (2007) evidencia que “deste lado da linha” é onde está a realidade relevante, enquanto o “outro lado da linha” é onde se encontra o que é irrelevante, invisibilizado, e que não deve ser discutido, pois é inexistente. A manifestação desse pensamento abissal encontra-se em diversos contextos, tal como no campo do conhecimento, que possui uma “linha abissal invisível que separa a ciência, a filosofia e a teologia do conhecimento popular, leigo, camponês e indígena que não obedecem a critérios científicos” (SANTOS, 2007, p. 3).

Outro contexto exemplificado por Santos (2007), é o do direito moderno, que possui uma linha abissal invisível que separa “deste lado da linha” o que pode ser considerado legal ou ilegal de acordo com a legislação e “do outro lado da linha” tudo que não pode ser pensado de forma dicotômica. Essa distinção faz com que todo território que possua direitos não reconhecidos oficialmente, ou que não estejam dentro da lei, sejam excluídos de forma abissal, impossibilitando a copresença dos dois lados da linha (SANTOS, 2007).

Boaventura contextualiza esse pensamento para o período pandêmico, uma vez que

O novo coronavírus contagiou e matou preferencialmente aqueles que pior puderam se defender dele, ou seja, as populações cujas condições sociais preexistentes as tinham tornado mais vulneráveis. A vulnerabilidade teve várias dimensões, desde a exposição ao vírus até a proteção (lavagens, máscaras, confinamento) e ao tratamento, e foi acrescida pelas atividades ou empregos que as pessoas continuaram a exercer para sobreviver colocando-as em risco. A indicação por parte da OMS para trabalhar em casa e em confinamento foi impraticável para a grande maioria da população do mundo porque obrigou os trabalhadores a escolher entre ganhar o pão diário ou ficar em casa e passar fome. As recomendações da OMS parecem ter sido elaboradas pensando numa classe média mundial que, afinal, é uma pequeníssima fração da população mundial. (SANTOS, B., 2021, p. 106)

Sendo assim, um exemplo contemporâneo desse pensamento é a linha que separa o grupo de pessoas que passaram a pandemia tendo uma realidade confortável e uma família estruturada com condição financeira, de outro grupo que precisou sair de casa para trabalhar, com um menor poder econômico, ou que simplesmente não tinha uma casa estruturada para conseguir realizar seus estudos ou trabalho. As pessoas desses dois grupos, por mais que possam estar no mesmo lugar fisicamente, jamais ocuparão a mesma posição social de poder. A linha abissal impede que uma passe para o lado da outra.

O segundo grupo, que não teve o privilégio de ficar em casa protegido do vírus, possui uma vulnerabilidade que provavelmente precedeu a pandemia, e que se agravou com ela. Boaventura estabelece que essas pessoas estão na chamada zona colonial dos seres sub-humanos.

A linha abissal estabelece e separa duas formas de sociabilidade incomunicáveis, a sociabilidade metropolitana dos seres plenamente humanos e a sociabilidade colonial dos seres sub-humanos. Existir do outro lado da linha (na zona colonial) significa existir sem qualquer direito efetivo e sempre à mercê de um poder social fascista, mesmo que o regime político seja democrático (aquilo que designo por 'fascismo social'). (SANTOS, B.2021, p.105)

Apesar de nas duas zonas, metropolitana e colonial, existirem exclusões sociais, na primeira as vítimas, através de seus direitos assegurados, conseguem recorrer à justiça para se defender. Já na segunda zona, as vítimas não têm a menor possibilidade de se defender, mesmo havendo formalmente um mecanismo para isso, essa é a chamada exclusão abissal. Para Boaventura “A vida das pessoas que se encontram nesta situação tem pouco valor, e pode ser descartada sem qualquer alarme social.” (SANTOS, B., 2021, p. 105).

O autor discute as linhas abissais na pandemia de acordo com cinco diferentes abordagens: predominância econômica, predominância racista-colonialista, predominância sexista, predominância religiosa e predominância capacitista (SANTOS, B., 2021). No Brasil há diversos grupos com vulnerabilidades sociais, como os povos indígenas e quilombolas, as populações de rua e as prostitutas, porém neste trabalho iremos nos concentrar em um grupo específico: os moradores de periferia, especialmente os estudantes. Devido a isso, será necessário detalhar e discutir sobre as duas primeiras abordagens.

### **3.1 As linhas abissais com predominância econômica**

Nesse tópico, Boaventura aborda o contexto dos trabalhadores informais, ditos autônomos, dos desempregados, dos trabalhadores sazonais, da população sem-teto e dos trabalhadores de rua. Este último aumentou durante a pandemia, uma vez que o crescimento do desemprego fez com que aumentasse a oferta de trabalho na “economia do bico” e a degradação do trabalho dos entregadores de aplicativos (SOUZA, B., 2021).

Boaventura aborda também o contexto dos “moradores nas periferias pobres das cidades, favelas, barriadas, slums, caniço etc.” (SANTOS, B, 2021, p. 111). Essa população habita a cidade sem ter direito a ela, visto que vivem em espaços desurbanizados, muitas vezes em habitações sem infraestrutura, sem saneamento básico e sem acesso a serviços públicos. Dessa forma, se torna quase impossível que essas pessoas consigam seguir as regras de prevenção recomendadas pela OMS, como o distanciamento social, a lavagem constante das mãos e o confinamento em casa.

### **3.2 As linhas abissais com predominância racista-colonialista**

Nessa abordagem foi discutido sobre a pandemia para os povos indígenas, para a população da matriz africana/negras e povos quilombolas, para o povo cigano e para os refugiados e imigrantes (SOUZA, B., 2021). Essas populações foram historicamente marginalizadas, excluídas e destruídas, com isso as discriminações vivenciadas por elas também estiveram presentes durante toda a pandemia e se converteram em extrema vulnerabilidade de suas condições de vida (SOUZA, B., 2021).

Boaventura pontua que “o novo coronavírus é grave para todos os corpos sem imunidade, mais grave ainda para quem vive à margem das proteções do Estado, como as populações negras e indígenas” (SOUZA, B., 2021, p. 115). Como o Estado foi falho para contenção do vírus, houve casos onde os próprios povos indígenas organizaram barreiras sanitárias ao redor das aldeias, proibiram entrada de turistas na comunidade e bloquearam estradas para impedir a circulação de pessoas (SOUZA, B., 2021).

No Brasil, em um estudo sobre a letalidade do vírus da Covid-19 nas favelas, concluiu-se que “a raça é o fator mais relevante da vulnerabilidade do vírus” (SOUZA,



B., 2021, p. 119). Além disso, um município com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) possui o dobro de chance de morte que uma cidade com IDH muito alto.

Em suma, como destaca Nilma Gomes, a população negra concentra-se, em larga medida, em vilas, favelas e regiões periféricas, no contingente cada vez maior da população de rua, entre os desempregados, assalariados, auxiliares de enfermagem, maqueiros, motoristas de ambulâncias, porteiros de prédios e condomínios, prestadores de serviços, motoristas de aplicativos, população carcerária, adolescente e jovens em conflito com a lei, trabalhadoras domésticas e diaristas. São lugares ocupacionais e sociais construídos no contexto das desigualdades, marcados pelo passado escravocrata brasileiro, pela ausência de políticas para inclusão da população negra, e por um presente violento e opressor, capitalista, patriarcal e colonialista. (SOUZA, B., 2021, p. 119, apud GOMES, p. 4)

A população negra além de precisar lidar com a falta de acesso aos cuidados de saúde ainda precisa lidar com o preconceito da classe médica. A probabilidade de os agentes de saúde prescreverem tratamentos eficazes para negros é menor do que para os brancos, independente da classe social, de comorbidades e acesso a seguros e serviços de saúde (SOUZA, B., 2021).

### **3.3 As zonas cinzentas ou intermédias de exclusão**

Durante situações de crise e condições extremas, como a pandemia do novo coronavírus, grupos de pessoas e comunidades que naturalmente não vivenciavam uma exclusão abissal (não são consideradas sub-humanas e nem vivem na zona colonial) passam a vivenciá-la. Essas pessoas são negligenciadas e inviabilizadas, e sofrem uma exclusão intermédia, ou seja, uma forma de exclusão entre a abissal e a não abissal (SOUZA, B., 2021).

Boaventura evidenciou três tipos de exclusões intermédias: a digital, a senexista (o preconceito contra pessoas mais velhas) e a carcerária (SOUZA, B., 2021). No cenário da educação brasileira, muitos alunos do ensino básico não conseguiram acompanhar as aulas remotas durante os anos de 2020 e 2021, pois não tinham os aparatos tecnológicos necessários e/ou não tinham tempo nem espaço adequados para os estudos, e sofreram exclusão.

Apesar de que a ONU (Organização das Nações Unidas), em 2016, tenha declarado o acesso universal à internet como um “direito humano”, no Brasil 39% dos estudantes das escolas públicas, e 9% dos estudantes das escolas privadas não

possuem computador nem tablet em casa (SOUZA, B., 2021). “As medidas de quarentena agravaram a enorme divisão digital nas grandes cidades da região entre as pessoas que vivem nos bairros ricos e as que vivem em favelas. ” (SOUZA, B., 2021, p. 134)

O reflexo desse pensamento abissal na educação básica brasileira foi drástico. Enquanto as escolas particulares rapidamente se adaptaram ao formato de aulas online, as escolas públicas ficaram à mercê de secretarias de educação que não forneceram orientações claras sobre o novo formato de aula. Após a definição de como seria o novo ensino remoto, essas secretarias falharam novamente, pois não solucionaram o problema dos alunos sem condição de acesso às aulas, deixando essa questão a ser resolvida por cada escola individualmente.

## **4 EMERGÊNCIAS**

Os grupos e as comunidades que possuem vulnerabilidades que precedem a pandemia, como os moradores de periferias pobres e as escolas públicas de bairros periféricos, tiveram que lidar com a emergência sanitária proveniente do coronavírus em conjunto com diversas outras emergências. Boaventura exemplifica algumas dessas emergências, como a emergência sanitária decorrente de outras epidemias ainda não debeladas e da falta de atenção médica, a emergência alimentar, a emergência da violência doméstica e a emergência da violência policial (SOUZA, B., 2021).

Neste capítulo propõem-se refletir acerca da emergência alimentar e da emergência da violência, acrescentado de uma outra emergência que o autor não aborda, a emergência dos transtornos psicológicos. Essa emergência está presente na realidade do ensino básico brasileiro, principalmente no contexto pandêmico, e é um problema latente que precisa ser discutido com urgência e seriedade.

### **4.1 Emergência alimentar**

A fome voltou a ser um tema em destaque no Brasil durante os anos de 2020 até os dias atuais. Somado ao fato de que a pandemia intensificou a crise econômica no país, a diminuição dos programas sociais fez com que a insegurança alimentar aumentasse consideravelmente. O relatório da ONU (Organização das Nações Unidas) divulgado em 2022, mostra que o número de brasileiros em situação de insegurança alimentar grave ou moderada atinge quase um terço da população. Um aumento de cerca de 150 milhões de pessoas desde o início da pandemia de Covid-19 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2022).

A merenda escolar, disponibilizada gratuitamente para os estudantes do ensino básico público brasileiro, muitas vezes é a principal, ou a única, refeição do dia dos alunos. O PNAE, Programa Nacional de Alimentação Escolar, é um programa governamental que “tem como busca prestar auxílio financeiro adicional aos estados e municípios brasileiros com o objetivo de garantir uma refeição diária a cada aluno matriculado em escolas públicas e/ou filantrópicas” (FERREIRA, et al., 2019, p. 92). O programa configura-se como uma das políticas públicas mais antigas do país, de

caráter universal, possuindo orçamento anual da ordem de 4 bilhões de reais, e atendendo a cerca de 40 milhões de estudantes<sup>2</sup> (BRASIL, n.d).

Com a suspensão das aulas presenciais no início de 2020, muitos alunos passaram a vivenciar uma situação de urgência alimentar. As aulas se tornaram remotas, porém devido a inoperância dos setores públicos responsáveis, somente em abril de 2020 (1 mês após a suspensão das aulas) o Congresso autorizou<sup>3</sup>, em caráter excepcional, a distribuição dos alimentos adquiridos com recursos do PNAE (BRASIL, 2020).

Apesar de aprovada, essa medida não orientou os gestores municipais e estaduais acerca de como seria realizada essa distribuição, não havendo coordenação nacional para que as diferentes realidades escolares do Brasil fossem atendidas. O governo federal não colocou recursos adicionais ao PNAE, e isso fez com que os municípios menores ficassem prejudicados. Essas questões foram pontuadas a época por Mariana Santarelli, relatora de direitos humanos da plataforma Dhesca<sup>4</sup> e membro do núcleo executivo do Fórum Brasileiro e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN), em um podcast intitulado “Prato Cheio”.

Neste contexto, a relatora explica que houve estados como o Rio Grande do Norte, por exemplo, que agiu de forma integrada aos produtores de alimentos, às cooperativas, e aos gestores escolares, para resolver a melhor forma de compra e de distribuição de alimentos. Contudo, houve estados, como o Rio de Janeiro, que agiu de forma individual, repassando a responsabilidade de distribuição de alimentos para os gestores escolares, ignorando a realidade das escolas de periferias. Com isso, percebe-se que a ausência de coordenação do governo federal repercutiu nos estados, os quais atuaram de formas heterogêneas e por vezes contraditórias.

Ao final de abril de 2020, a secretaria de educação do estado do Rio de Janeiro (SEEDUC - RJ) publicou uma resolução orientando a distribuição de kits alimentação, com alimentos básicos, para os alunos da rede pública. Entretanto, não houve instruções sobre como essa entrega seria feita e quais pessoas seriam contempladas.

---

<sup>2</sup> Dados referentes ao ano de 2016. Disponível em: <<http://mds.gov.br/compra-da-agricultura-familiar/pnae>> Acessado em 24 de jul. de 2022

<sup>3</sup> A Lei nº 13.987, de 7 de abril de 2020, publicada na edição extra do Diário Oficial da União alterou a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, para autorizar, em caráter excepcional, a distribuição de gêneros alimentícios adquiridos com recursos do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) aos pais ou responsáveis dos estudantes das escolas públicas de educação básica.

<sup>4</sup> Plataforma de Direitos Humanos – Dhesca Brasil é uma rede, que desde 2002 possui como objetivos desenvolver ações e promoções dos direitos humano. Disponível em: <<https://www.plataformadh.org.br/quem-somos/objetivos-e-atuacao/>> Acessado em 25 de ju. 2022

A SEEDUC-RJ se limitou a orientar os gestores escolares a avaliarem o melhor recorte escolar possível, e atender àquelas famílias mais necessitadas, uma vez que não havia alimentos para todos. Diante disso, observa-se que o princípio da universalidade proposto pelo PNAE não foi cumprido durante o período pandêmico.

## 4.2 Emergência da violência

As periferias do Brasil há muitos anos já vivenciam a emergência da violência, seja ela policial, urbana ou doméstica, sendo que a violência estrutural do Estado perpassa todas as outras. Este contexto, já marcado pela vulnerabilidade, foi vivenciado pelos jovens periféricos durante o isolamento social de forma intensificada. Um relatório feito pela Rede de Observatórios da Segurança mostrou que em 2020 a quantidade de mortes decorrentes de operações policiais aumentou 57,9% em abril e 16,9% em maio, quando comparados com o mesmo período de 2019 (OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA RJ, 2021)

No Rio de Janeiro, entre janeiro e maio de 2021, houve aumento de 33,9% de operações policiais em relação ao mesmo período do ano anterior. Do total dessas operações, sabe-se que 43,6% ocorreram em favelas, mesmo estando em vigência a ADPF de Favelas<sup>5</sup>, ação na qual “o Supremo Tribunal Federal (STF) proibiu ações policiais em favelas durante a pandemia de Covid-19” (SOTERO e SILVA, 2021, p. 30). Esses dados demonstram a colisão entre as ações do estado do Rio de Janeiro e os direitos dos cidadãos, os quais não são respeitados, nem mesmo diante de decisões do STF.

O relatório anual do Instituto Fogo Cruzado divulgou que em 2021 houve 61 chacinas (ações com três ou mais pessoas mortas) na região metropolitana do Rio de Janeiro, sendo que as operações policiais são responsáveis por três a cada quatro situações desse tipo (FOGO CRUZADO, 2021). A chacina ocorrida na favela do Jacarezinho, em maio de 2021, tornou-se a operação policial mais letal da história da cidade (ZANOTTI, 2021), e isso demonstra como o Estado além de desrespeitar repetidas vezes a decisão do STF, possui uma polícia completamente despreparada para proteger os cidadãos.

Essa forma de violência praticada pelo Estado, principalmente nas periferias das grandes cidades, é nomeada por Mbembe (2021) como necropolítica. Segundo o autor, esta “pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2021, p. 3). A necropolítica é resultado das políticas neoliberais do Estado

---

<sup>5</sup> “ADPF das Favelas” é o nome popular da “Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 635”, uma iniciativa popular, no judiciário, para enfrentar a violência policial no Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.adpfdasfavelas.org/>>. Acesso em: 31 de jul. 2022

e pode ser observada na prática no fato de que as pessoas periféricas são as que mais morrem em ações policiais, sejam elas os próprios policiais ou cidadãos comuns.

Outro tipo de violência que aumentou durante os anos de pandemia foi a violência doméstica. Essa forma de violência abrange qualquer pessoa que sofre retaliações físicas e/ou psicológicas pelos pais, avós, tios, irmãos ou qualquer outro componente da família (SANTOS, A. et al., 2021). Entretanto, ela majoritariamente ocorre contra as mulheres, sendo o violentador comumente seu companheiro ou ex-companheiro.

No Brasil, durante a quarentena em 2020, houve um aumento considerável da violência doméstica: a lesão corporal aumentou 34,1%, as ameaças aumentaram 54,3%, os estupros aumentaram 100% e os feminicídios cresceram 300% (BEZERRA et al., 2020). Santos et al. (2021, p. 91) concluíram que “pelo fato de toda a vida doméstica ocorrer em um ambiente privado, há uma dificuldade maior para que a violência doméstica seja detectada e que as mulheres consigam sair dessa situação de vulnerabilidade”.

Com o isolamento social provocado pela pandemia, as mulheres vítimas de violência doméstica ficaram confinadas em casa com seus agressores. A dificuldade econômica generalizada durante esse período advinda do aumento do desemprego colaborou para o aumento dessas violências e para a diminuição das denúncias (SANTOS, A. et al., 2021).

Como é discutido por Santos et al. (2021), a pandemia de Covid-19 potencializou processos sociais já pré-existentes, e atingiu de forma desigual as famílias brasileiras. As mulheres periféricas e proletárias são atingidas por desafios ainda maiores, uma vez que “as mulheres burguesas, caso sofram violência doméstica, terão facilidade maior de sair de tal situação, por não possuírem vulnerabilidades materiais” (SANTOS, A. et al., 2021, p. 92).

A exclusão abissal se apresenta dessa forma: a mulher periférica precisa fazer a “inviável escolha entre a submissão à convivência violenta e garantia de sua subsistência, ou o livramento dessa violência através de uma saída punitivista” (SANTOS, A. et al., 2021, p. 93). O Estado não fornece o suporte necessário, não toma medidas para evitar essa violência e nem sequer garante a proteção dessa mulher caso ela denuncie seu agressor. Mesmo sendo aprovado em 2020 uma proposta que destina verbas do Fundo Nacional de Segurança Pública (FNSP) para ações de enfrentamento à violência contra a mulher durante a pandemia, as denúncias

de violência doméstica durante o primeiro mês pandêmico aumentaram 9% (SANTOS, A. et al., 2021).

### **4.3 Emergência dos transtornos psicológicos**

Durante o isolamento social provocado pela pandemia, as escolas foram fechadas e isso impactou não só na qualidade de aprendizado dos estudantes, mas também nas suas relações de sociabilidade, uma vez que a convivência diária com os colegas e professores é uma das principais formas de convívio social que extrapola o âmbito familiar durante a infância e adolescência. Essa mudança repentina, somada à dificuldade de continuidade dos estudos remotamente, fez com que as fragilidades emocionais dos estudantes aumentassem o risco à saúde mental (VAZQUEZ, 2022).

Apesar do grupo composto por crianças e adolescentes não ter sido considerado como de risco para a infecção do Covid-19, pois os casos diagnosticados nessa faixa etária ficaram entre 1-5%, ele se constitui como uma população vulnerável. Tal fato pode ser percebido ao analisar os impactos que desastres causam na saúde mental de pessoas nessa faixa etária (MENDONÇA, 2021).

O homem é um ser social, ele é “influenciado pela sociedade a partir das relações culturais e de relações sociais” (MENDONÇA, 2021, p. 25148). Para os adolescentes essas relações são estabelecidas na escola, uma vez que é nesse espaço que há a convivência com pessoas da mesma faixa etária, ou seja, a escola se apresenta como um espaço importante para além do ensino-aprendizagem, mas também como um espaço de aglutinação e convivência com outras pessoas da mesma faixa etária (MENDONÇA, 2021), por isso as consequências causadas pela falta do espaço da escola serão sentidas por todos os estudantes.

Mesmo antes da pandemia, a saúde mental dos adolescentes já era uma preocupação de saúde pública. Bordin (2018) afirma que transtornos psiquiátricos, como ansiedade e depressão, podem atingir até 25% dos adolescentes e a grande maioria dos jovens com esses transtornos não recebem os cuidados adequados pelo sistema de saúde. Essas doenças causam diversos prejuízos como: “redução de chance de completar a educação básica, falta de coesão social e redução da capacidade de enfrentar as adversidades futuras” (VAZQUEZ, 2022, p. 305, apud KESSLER, 1995).

Um levantamento feito pela Secretaria de Educação do estado de São Paulo em parceria com o instituto Ayrton Senna concluiu que 70% dos estudantes do 5º ano



do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio relataram quadros de depressão e ansiedade após a volta ao ensino presencial (AGÊNCIA SENADO, 2022). “As associações mais importantes aos sintomas depressivos e ansiosos foram o tempo de exposição à tela e a inversão do horário de sono (troca do dia pela noite), juntamente com o sexo feminino” (VAZQUEZ, 2022, p. 312). Além disso, Vazquez (2022) considera que a perda de emprego e/ou redução salarial dos pais também são fatores que contribuíram para o aumento dos sintomas desses transtornos nos jovens.

A exclusão abissal vivenciada pelos estudantes de áreas periféricas se apresenta na impossibilidade que eles terão de tratar a doença de forma adequada, uma vez que a situação de marginalização da população pobre implica na falta de acesso a direitos básicos. Assim dizendo, a violência simbólica do Estado faz com que esses transtornos sejam inviabilizados e o estudante nem procure ajuda, ou quando procura encontra um sistema público de saúde sucateado, que não valoriza a saúde mental e que não possui uma estrutura adequada para o tratamento de transtornos psicológicos.

## 5 METODOLOGIA

Para a dimensão empírica de coleta de dados na elaboração deste trabalho foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada. Essa metodologia se apresenta como uma pesquisa qualitativa e tem como propósito entender o assunto desejado a partir do ponto de vista do entrevistado e de suas experiências pessoais. A forma semiestruturada objetiva uma flexibilidade durante a entrevista, uma vez que a entrevistadora possui um esboço das perguntas, que serve como norteador, porém não há a rigidez de seguir um roteiro, a implementação dos questionamentos depende de como a entrevistada os responde (ADHABI, ANOZIE, 2017).

As entrevistas focalizaram as transformações nas dinâmicas escolares durante o período pandêmico e foram realizadas com três professoras do ensino básico de escolas públicas de periferia, sendo duas da baixada fluminense, que durante a pandemia atuaram em escola estadual e municipal, e uma que atuou em duas escolas estaduais em Belo Horizonte. Para que as educadoras se sentissem mais à vontade para fazer seus relatos, as entrevistas se assemelharam com conversas informais. Além disso usaremos nomes fictícios para que a identidade das entrevistadas seja preservada.

As professoras foram escolhidas para este trabalho por atuarem em escolas públicas periféricas, porém com realidades e atuações distintas. As entrevistadas se diferem uma da outra tanto em relação ao segmento escolar em que atuam, quanto em relação a localização geográfica das escolas que trabalham, e em relação ao perfil socioeconômico dos seus alunos. Além disso, duas delas atuam em escolas estaduais e uma atua em escola municipal. Esses pontos divergentes no perfil das professoras foram considerados enriquecedores e fundamentais para que fosse possível analisar a educação na periferia. Ouvir o que elas têm a dizer sobre o ensino remoto durante o período pandêmico faz com que seja possível entender mais profundamente os impactos que esses dois anos terão sobre a educação pública em áreas periféricas no Brasil.

A primeira entrevistada foi a professora Adriana, que atua no ensino infantil em uma escola municipal na periferia de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Durante a pandemia ela deu aula para alunos com idade entre 3 e 5 anos.

A segunda entrevistada foi a Bárbara, professora de química em uma escola estadual na periferia do município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Ela trabalha

nessa mesma escola desde 2006, já atuou na gestão escolar por um tempo, entretanto atualmente ela ocupa a função de professora do ensino médio.

Durante a entrevista Bárbara fez questão de nos contar um pouco sobre a história da escola em que trabalha: é um CIEP<sup>6</sup>, portanto é uma escola antiga na comunidade, que em 2012-2013 passou por uma grande mudança, pois houve a instalação de um condomínio pertencente ao programa 'Minha casa minha vida' em um terreno ao lado da escola, e com isso a quantidade de alunos praticamente dobrou em um ano. Hoje em dia é uma escola com muitos alunos, porém com poucos professores e com alta rotatividade desses profissionais, uma vez que a escola está localizada em uma área perigosa, com diversos casos de tiroteios e violência urbana.

A terceira entrevistada foi a Cecília, professora de geografia, que em 2020 atuou no ensino fundamental e em 2021 no ensino médio de duas diferentes escolas estaduais em Belo Horizonte - MG.

As entrevistas com as professoras Adriana e Bárbara foram realizadas por videoconferência, através da plataforma *Google Meet*, e a entrevista com a professora Cecília foi feita por telefone. Para que as entrevistadas pudessem entender o objetivo da conversa, foi feito uma aproximação inicial, onde foi mostrado quais os interesses da pesquisa, e para isso um roteiro com 18 perguntas foi utilizado como norteador para que esses pontos essenciais fossem abordados durante as conversas. O roteiro de perguntas se encontra no Quadro 1.

---

<sup>6</sup> Os CIEPs (Centro Integrado de Educação Pública) "foram criados na década de 80 por Darcy Ribeiro, quando era Secretário da Educação no Rio de Janeiro, no governo de Leonel Brizola. O objetivo era proporcionar educação, esportes, assistência médica, alimentos e atividades culturais variadas, em instituições colocadas fora da rede educacional regular. Além disso, estas escolas deveriam obedecer a um projeto arquitetônico uniforme" (MENEZES, 2001).

Quadro 1: Roteiro de perguntas

Vamos começar resgatando sobre como era <b>a relação da escola com os alunos</b> no período anterior à pandemia. Como você via essa relação?
E a <b>relação da escola com a comunidade</b> ? Com os pais dos alunos?
A <b>evasão escolar</b> já é um problema educacional no Brasil há um tempo. Esse era um desafio que vocês enfrentavam na escola? Se sim, já existia alguma medida para evitar isso?
Em 2020, com o início da pandemia, sabemos que a educação sofreu graves interferências, qual foi o <b>maior desafio</b> que enfrentou em relação à sua profissão?
Quais foram as <b>mudanças que aconteceram</b> na dinâmica das aulas?
Quais foram as <b>medidas tomadas pelo governo para adaptação do ensino</b> para essa nova realidade?
Houve alguma medida por parte da escola para tentar <b>amenizar o impacto social da pandemia</b> ?
Houve debate entre os professores para amenizar esse impacto?
Houve debate entre escola, alunos e pais de alunos para tentar amenizar esse impacto?
Houve <b>iniciativa de arrecadação de alimentos</b> na escola para ajudar as famílias que precisavam?
Houve <b>iniciativa de arrecadação de material</b> para os alunos?
Em relação à evasão escolar, houve alguma <b>mudança em relação à antes da pandemia</b> ?
Já em 2021, tivemos uma outra fase da pandemia, houve mais tempo para planejamentos estratégicos. Quais foram as <b>mudanças</b> que você percebeu em <b>relação a educação</b> em 2021, quando comparado ao que foi feito em 2020?
Você notou alguma mudança em relação ao <b>interesse dos alunos</b> em aprender?
A escola tomou novas medidas para tentar <b>amenizar o impacto social</b> da pandemia, ou continuaram as mesmas de 2020?
O que você achou das <b>medidas tomadas pela escola</b> durante 2020 e 2021?
Você, olhando em retrospectiva, <b>teria feito algo de diferente</b> em relação a sua forma de trabalhar?
Gostaria de saber se você concorda com essa frase: “a pandemia foi um fator crucial para que a sociedade <b>legitimasse a segregação</b> , e isso pôde ser observado quando se analisa as medidas tomadas pela educação pública durante esse período.”

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

As professoras foram deixadas à vontade e devido a isso puderam iniciar a conversa a partir de um determinado aspecto que não era exatamente na ordem das

perguntas do roteiro. Esse fato foi considerado enriquecedor para a pesquisa, portanto, as professoras não foram interrompidas. Devido a diferença de idade dos alunos das professoras, algumas perguntas foram adaptadas, ademais, ao longo da conversa algumas perguntas foram respondidas por elas sem nem haver a necessidade da pergunta ter sido feita.

Nos Apêndices I, II e III encontram-se os mapas de eventos das entrevistas com a professora Adriana, Bárbara e Cecília respectivamente, onde é possível entender o desenvolver de cada conversa. Em cada Apêndice, também de forma respectiva a cada professora, encontra-se a sequência específica de diálogo na entrevista que foi estabelecida para cada uma.

O mapa de eventos é uma ferramenta analítica utilizada com o objetivo de descrever e organizar de maneira longitudinal uma atividade (no nosso caso uma entrevista, mas pode ser apropriado a qualquer tipo de atividade, e.g. uma aula, uma brincadeira lúdica, uma visita a espaço não formal). O panorama de cada diálogo é organizado da seguinte forma: número de ordem, início do evento, fim do evento, natureza do evento, tópicos e descrição (VALADÃO, et al., 2021). Um evento é delimitado em termos de início e fim a partir dos sentidos produzidos dos interesses de pesquisa.

Os eventos foram nomeados conforme tópicos preestabelecidos para que pudessem ser acessados segundo o interesse da pesquisa. Além disso, ao longo do texto, os eventos serão retomados a partir do seu número de ordem. O entendimento adequando da sequência de eventos no diálogo com cada professora deve ser percebido na ordenação que é apresentada para cada entrevista. As perguntas foram enumeradas conforme a ordem em que foram feitas e colocadas no quadro respectivo de cada Apêndice.

## 6 RELATO DAS ENTREVISTAS

Para que seja possível analisar e comparar a fala das três professoras de forma clara, os aspectos mais importantes serão abordados dentro de três subitens separadamente: o panorama geral do ensino remoto, onde será discutido como foi feito esse ensino remoto, quando começou e qual a participação dos alunos; as ações emergenciais realizadas pela escola e pelo governo; e os desafios enfrentados pelas professoras e pelos alunos durante esse período.

### 6.1 Panorama geral do ensino remoto

Durante o início da pandemia, quando as aulas foram suspensas e não se sabia por quanto tempo essa situação iria se estender, as professoras afirmam que as escolas já se movimentavam para continuar com as aulas de forma remota. O uso das redes sociais fez com que o *facebook* e o *whatsapp* se tornassem ferramentas essenciais para a interação dos alunos (e seus responsáveis) com a escola.

A professora Adriana relatou que no início do ensino remoto gravou vídeos cantando e tocando violão para que seus alunos, que eram crianças, pudessem conhecê-la (Apêndice I - eventos nº 3 e 4). Esses vídeos foram enviados via *whatsapp*, porém ela comenta que sempre dava preferência por áudios ao invés de vídeos, uma vez que assim consumia menos os dados móveis da internet dos alunos (Apêndice I - evento nº 5).

A professora Bárbara relatou situação semelhante, em março de 2020 ficaram 15 dias esperando uma orientação da Secretaria de Educação do estado do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) em relação a como seria o ensino remoto. A Secretaria indicou fazer encontros síncronos pelo *Google meet*, mas devido à baixa participação dos estudantes, a escola abriu diversos grupos de *whatsapp* para enviar as videoaulas gravadas para os alunos que não puderam participar (Apêndice II - evento nº 8).

A gente viu já de cara que todas as turmas não tinham mais que 5 alunos. (...). Quando a gente propunha abrir uma videochamada, quando eu tive mais aluno eu tive 3, ao vivo. E frequentando a plataforma, vamos botar aí, 20% no máximo. Por que? Porque ele ia para casa do vizinho, ou se ele trabalhava a noite ele usava o wifi do trabalho. (Professora Bárbara - Apêndice II - evento nº 8)

A falta de acesso à internet por parte dos alunos foi um problema identificado já no início das aulas remotas. A professora Bárbara evidencia como a disputa de

território por grupos armados nas periferias do Rio de Janeiro interfere diretamente nesse acesso.

O aluno que não podia acessar a plataforma, porque não tinha dados e não tinha wifi, porque ele (o aluno) tava sob a jurisdição do poder paralelo e o poder paralelo cortava os cabos de internet, tinha que ser internet que eles forneciam. Os dados móveis (dos alunos) só funcionavam no máximo uma semana, porque consumia tudo e não tinha dinheiro para pagar. (Professora Bárbara - Apêndice II - evento nº 8)

Como consequência disso, a participação dos alunos era baixíssima nas aulas remotas. Na turma da professora Adriana, por exemplo, havia 25 alunos matriculados, sendo que apenas 10 a 12 alunos participavam, e por volta de 5 alunos que se envolviam efetivamente com todas as aulas (Apêndice I - evento nº 18).

De um total de 240 alunos que a professora Cecília tinha, apenas de uns 15 a 20 apareciam recorrentemente nas aulas. Apesar dela justificar a baixa participação dos estudantes por não terem tempo e nem interesse nas aulas (Apêndice III - evento nº 12), ela destaca que a condição socioeconômica das famílias está diretamente relacionada com o interesse desses alunos (Apêndice III - evento nº 4).

A professora Bárbara diz que não houve nenhuma turma na escola que teve mais de 10% de participação dos alunos, e que às vezes ela não possuía nenhum aluno presente em sua aula. Mesmo assim ela fazia questão de abrir a videochamada no *Google meet* e gravar a aula para que os alunos pudessem assistir posteriormente. Para isso, ela precisava fazer a aula em no máximo 20 minutos, pois assim era possível comprimir o vídeo e mandar para os alunos pelo *whatsapp* de forma que eles conseguissem baixar o arquivo de forma gratuita, uma vez que arquivos muito pesados consumiam a internet do celular dos estudantes e eles não conseguiam acessar (Apêndice II - evento nº 6).

Tanto a SEMED (Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu), quanto a SEEDUC-RJ (Secretaria de Educação do estado do Rio de Janeiro) indicaram a utilização do *Google meet*. Era exigido que as professoras cumprissem o horário de trabalho abrindo uma videochamada na plataforma, mesmo se não houvesse participação estudantil, e elas precisavam fazer relatórios semanais detalhados e enviar para as respectivas secretarias (Apêndice I - evento nº 8 e Apêndice II - evento nº 8). Mesmo após essa orientação, os grupos de *whatsapp* e *facebook* continuaram sendo a principal forma de comunicação com os alunos e responsáveis.

## **6.2 Ações emergenciais realizadas pelas escolas e pelos governos**

No segundo semestre de 2020, após mais de 3 meses desde o início da pandemia, a SEEDUC-RJ (Secretaria de Educação do estado do Rio de Janeiro) liberou o estudo por apostilas impressas. Apesar disso, ter sido um ponto positivo, pois os alunos que não tinham acesso à internet poderiam estudar, a diagramação da apostila era horrível, e elas eram entregues pelo correio, sendo que o correio não entregava na escola da professora Bárbara, por ser área de risco (Apêndice II - evento nº 8). Dessa forma é possível notar como a SEEDUC-RJ não considerou as realidades das escolas de áreas que estão sob o domínio do poder paralelo.

Em 2021 as escolas passaram a receber verba para imprimir as apostilas por conta própria, o que foi bom pois melhorou um pouco a diagramação das páginas. Além disso, a SEEDUC-RJ lançou um aplicativo para smartphones chamado “Applique-se” para auxiliar nas aulas remotas, porém na escola da professora Bárbara não teve muita valia, uma vez que os alunos não possuíam internet no celular para baixar o aplicativo, ou até mesmo não tinham aparelho celular (Apêndice II - evento nº 14).

A utilização de apostilas também foi uma realidade no estado de Minas Gerais, os chamados PETs (planos de estudos tutorados) eram entregues a cada dois meses e os alunos tinham a opção de baixá-los na internet ou pegá-los impressos na escola (Apêndice III - evento nº 22). Além disso, Minas Gerais disponibilizou aulas no canal de televisão estatal chamado Rede Minas, que de acordo com a professora Cecília era “uma forma porca de manter o ritmo com os alunos em casa”, uma vez que as aulas e os materiais eram de péssima qualidade (Apêndice III - evento nº 10).

As aulas no canal Rede Minas seguiram um cronograma de matérias diferente da apostila, com isso a professora Cecília relata a dificuldade em manter uma linearidade de raciocínio com os alunos (Apêndice III - evento nº 12). Durante os programas, ela tinha que ficar online no chat de uma plataforma que o estado criou, para que os alunos pudessem tirar dúvidas com ela sincronamente, e ela decidiu por conta própria, junto com outros professores, também dar aulas utilizando o *Google meet*.

O uso das apostilas e das aulas gravadas evidencia a falta de autonomia dos professores durante esse período. Durante a implementação dessa nova forma de ensino não houve a participação ativa dos professores, pois eles não puderam indicar e discutir sobre quais as matérias abordadas em cada ano escolar seria interessante ter nas apostilas e nos programas de televisão. Dessa forma, com a má qualidade dos



materiais e com a desorganização do cronograma de aulas, os alunos do ensino público foram prejudicados e foram ainda mais segregados em relação aos alunos de escolas particulares.

No primeiro ano de pandemia, tanto a SEEDUC-RJ, quanto a SEE/MG (Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais) orientaram os professores a aprovarem todos os alunos que entregassem pelo menos uma apostila com as atividades feitas, ou que tivessem feito pelo menos alguma atividade online. Na prática, mesmo os alunos que entregaram a apostila em branco ou que não fizeram nada foram aprovados compulsoriamente (Apêndice II - evento nº 10 e Apêndice III - eventos nº 22 e 23)

Além da progressão parcial<sup>7</sup>, o estado pensou em uma progressão continuada. Que era: o aluno não entregou absolutamente nada no ano anterior, ele vai ser aprovado compulsoriamente, para que no ano seguinte de 2021 ele possa tentar construir novamente esse conhecimento que ele deixou de aprender em 2020. De certa forma é até uma coisa interessante, porque o aluno que não teve oportunidade e não conseguiu, por N motivos, estudar, embora ele quisesse, não ia perder o ano. Mas, ainda assim é um problema, porque o aluno progride na vida escolar sem saber absolutamente nada daquele ano que ele estava. (Professora Cecília - Apêndice III - evento nº 23)

Em relação às medidas tomadas pelo governo e pelas escolas para diminuir os impactos sociais causados pela pandemia, as três professoras afirmam que houve apenas auxílio alimentação. Em nenhuma das escolas houve iniciativa para arrecadação de materiais escolares e tecnológicos para os alunos que não tinham acesso ao ensino remoto.

A prefeitura de Nova Iguaçu indicou inicialmente que as escolas montassem cestas de alimentação (que possuía menos alimentos que uma cesta básica padrão) utilizando o dinheiro da verba que recebiam para a merenda dos alunos e distribuísse para as famílias. Posteriormente, essas famílias passaram a receber um cartão alimentação, mas a professora Adriana não soube explicar exatamente qual o valor em dinheiro que esse cartão continha (Apêndice I – eventos nº 16 e 20).

Os estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais atuaram de forma semelhante: orientaram as escolas a utilizar a verba da merenda para a preparação de 'kits

---

<sup>7</sup> Progressão Parcial é a possibilidade que o aluno tem em ser reprovado em até 3 disciplinas no ano e mesmo assim progredir na vida escolar e avançar para a série seguinte. Esse direito é assegurado por lei e o aluno irá fazer as matérias da série que ele foi promovido e as matérias que ele foi reprovado anteriormente (Professora Cecília - Apêndice III - evento nº 23)

alimentação' e distribuir mensalmente para as famílias dos alunos. Entretanto, nem a SEEDUC-RJ e nem a SEE/MG explicitaram claramente como seria essa distribuição, não havia dinheiro para que todos os alunos fossem contemplados e não houve orientação em como encontrar as famílias necessitadas.

Na escola da professora Bárbara, em Duque de Caxias, foi aberto um documento no *drive do Google*, onde as famílias, mensalmente, preenchiam se tinham interesse em retirar o kit alimentação. Porém, muitas famílias não tinham acesso à internet e então a escola começou a busca ativa pela comunidade através de carros de som. Dessa forma a quantidade de alimentos do kit variava mês a mês, a professora relembra que

No primeiro mês foi próximo de uma cesta básica, porque as famílias não tinham tempo de ter entrado em contato com a escola, tinha família que nem sabia, e aí nos meses seguintes as famílias foram entrando em contato e a quantidade (de alimentos) diminuía. (Professora Bárbara - Apêndice II - evento nº 12)

Bárbara relembra ainda que a escola conciliou a data para a retirada do kit alimentação, com a data que os alunos deveriam ir à escola para entregar a apostila de exercícios feita e retirar a nova apostila. Essa medida foi altamente desafiadora para a gestão escolar, uma vez que tiveram que calcular a data que os agricultores familiares entregavam os alimentos perecíveis a escola, e conciliar com a data de entrega das apostilas mensais, já que a SEEDUC-RJ que deveria ser a responsável por esse cronograma, nada fez.

Na escola da professora Cecília ocorreu de forma semelhante, entretanto ela não soube dizer de que forma foi feita a busca ativa pelos alunos necessitados do kit alimentação. O estado solicitou que as escolas entrassem em contato com as famílias, porém não orientou de que forma isso precisava ser feito, Cecília disse que o que o estado fez foi basicamente dizer para as escolas: "Se virem para localizar as famílias, usem qualquer forma de comunicação que vocês puderem: telefone, rádio, qualquer coisa do tipo. Se virem, mas achem as famílias" (Professora Cecília - Apêndice III – evento nº 18).

Nos eventos nº 33 do Apêndice I, nº 23 do Apêndice II e nº 27 do Apêndice III as professoras respondem o que acharam das medidas tomadas pelas respectivas Secretarias de Educação e escolas em que trabalham durante o ensino remoto na pandemia. É interessante notar a diferença das percepções entre as professoras

Bárbara e Adriana. A primeira reconhece que o governo poderia ter feito mais coisas, pois não houve diálogo com as escolas, ela diz:

Eu penso que a SEEDUC-RJ não levou em consideração as realidades mais difíceis, ela passou por cima. Ela anunciou que compraria chips e distribuiria pros alunos, e isso nunca se concretizou. (...). Ela não previu que as escolas distantes, de periferias, de locais complicados, de comunidades com IDH muito baixo, não teriam condições de acessar a internet. (...) E não teve diálogo, a cobrança em cima da direção, de entrega de planilhas, de inúmeros relatórios que a escola deveria preencher, de coisas absurdas como: conselho diretor, escolha quem mais precisa (do kit alimentação), é um absurdo! Eu entendo que a verba é pouca, eu entendo que não teria como comprar uma cesta básica, mas não se pode transferir a responsabilidade! (Professora Bárbara – Apêndice II – evento nº 23)

A professora Adriana, por reconhecer que ela mesma deu o seu melhor durante esse período, se coloca em posição de igualdade com o governo e acredita que eles fizeram o melhor que puderam também.

Acho que as medidas da prefeitura foram bem válidas, apesar de não ter como comparar com o ensino presencial, mas foi algo para não deixar aquilo que já foi absorvido pelo aluno se perder. (...) Gostei muito mais do que se não tivesse nada disso, valeu a pena todo o esforço e a parte burocracia. (Professora Adriana – Apêndice I – evento 33).

Já a professora Cecília criticou a forma que o governo realizou o ensino remoto, porém reconheceu que foi melhor do que se as aulas tivessem sido paralisadas por tempo indeterminado. Além, disso, ela aborda que

Uma das lições que a educação de Minas pode tirar, é que é importante investir em tecnologia dentro da sala de aula, e inserir o contexto de metodologias ativas, de ferramentas tecnológicas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Se já tivesse isso, como era nas escolas particulares, com certeza esse 'problema' de comunicação teria sido menor. Então isso foi uma lição positiva da pandemia. (Professora Cecília – Apêndice III – evento nº 27)

A professora Adriana em diversos momentos da entrevista fez questão de reforçar sobre a falta de comprometimento de muitas famílias na educação das crianças, e individualiza o problema da falta de comprometimento com os estudos, ela comentou como várias famílias “só apareciam para reclamar” (Apêndice I - evento nº 22) ou “só se importam com o auxílio alimentação” (Apêndice I - evento nº 16). E a professora Cecília se mostrou distante do processo das ações realizadas pela escola, se colocando apenas no papel de professora que ensina a matéria e realiza suas tarefas.

Contudo, a professora Bárbara se mostrou completamente envolvida nas ações realizadas na escola, fazendo questão de pontuar a todo momento como a gestão escolar e os professores se dedicaram para fazer o melhor possível, enquanto a Secretaria de Educação não fazia nada em prol dos alunos. Esse fato demonstra como a opinião das professoras em relação às ações emergenciais foram influenciadas diretamente pelos seus envolvimento ou distanciamentos da realidade dos alunos e da gestão escolar.

Dessa forma, infere-se que a invisibilidade da interferência da emergência da violência no discurso das professoras Adriana e Cecília seja fator determinante para a individualização dos problemas relacionados à educação em áreas periféricas. Estando em contraponto com o discurso da professora Bárbara que considera o contexto social como fator essencial para o entendimento da educação na pandemia em periferias.

### **6.3 Desafios enfrentados por professores e alunos na pandemia**

Ao serem questionadas sobre os desafios vivenciados durante o ensino no período pandêmico, cada professora focou em uma adversidade. A professora Adriana abordou as dificuldades burocráticas, sempre pontuando sobre a quantidade de relatórios que os professores precisavam enviar para a SEMED (Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu) semanalmente.

Eu tinha que fazer relatório, e como eu tenho uma família, quando as minhas filhas dormiam que eu ia fazer, às vezes era de madrugada. Tinha que anexar fotos (no relatório), tinha que planejar as atividades... A gente registrou tudo no facebook, a orientadora educacional estava sempre nos acompanhando e ela enviava pra SEMED-RJ mensalmente (esses registros). Cada semana a gente enviava o relatório da semana, e ao final do mês tinha o relatório relativo àquele mês. Qualquer coisa que a gente fazia tinha que registrar por foto. A gente fazia desafios como: pegue um objeto na sua casa com a letra A, aí eles tiravam a foto e eu colocava no relatório. Tinha que ser 3 fotos por semana, eu escolhia as melhores e colocava. E tinha tudo detalhado: objetivo (da atividade), conteúdo. (Professora Adriana – Apêndice I - evento nº 10)

A professora ainda aborda o fato de que em 2021 a carga de trabalho aumentou ainda mais, pois a SEMED ficou mais exigente, e os relatórios tiveram que ser ainda mais detalhados. Além disso, no final desse mesmo ano o ensino passou a ser híbrido (os alunos precisavam ir presencialmente à escola apenas alguns dias da semana),

portanto o trabalho online se somou ao trabalho presencial, sem o aumento salarial (Apêndice I - evento nº 36).

Já a professora Bárbara evidenciou os desafios enfrentados pelos alunos, muitos não tinham acesso às aulas remotas, uma vez que já vivenciavam emergências prévias, como a violência urbana e a falta de acesso à tecnologia e informação. Além disso, um grande problema foi a falta de pertencimento desses alunos ao ambiente escolar.

A gente sempre foi uma escola de fazer muitos projetos, de mobilizar os alunos nos diversos assuntos (...). (Antes da pandemia) a gente tinha a escola na mão da gente no sentido que a gente avançou muito no diálogo, na conversa, na noção de pertencimento, na participação do aluno, do envolvimento de grande parte desses, do entendimento que a escola é um dos caminhos, não é o único, mas é um dos caminhos, e quando veio a pandemia a gente perdeu isso tudo. Ano passado (2021) a gente entrou na escola e a gente percebeu nitidamente o quanto a gente perdeu essa noção de pertencimento do aluno. (...) A gente tá percebendo muita agressividade, não agressividade física, mas na fala deles, eles estão muito agressivos e dispersos, muito imaturos, porque o 1º ano (do ensino médio) de agora foi o 8º ano (do ensino fundamental) que parou no tempo, então o aluno caiu de paraquedas no ensino médio, que é exigido dele outro nível de maturidade. Além de não ter mais noção do que é a escola, e não sentir mais pertencente ao espaço da escola, além dele tá extremamente imaturo e agressivo, ainda cai de paraquedas num negócio que nem a gente entendeu como vai funcionar ainda. Falar para você viu, tá tenso! (Professora Bárbara – Apêndice II – evento nº 6)

A professora afirma que em outubro de 2021 o ensino passou a ser híbrido, dessa forma os alunos passaram a ter um vínculo maior com a escola, e aos poucos começaram a se sentir inseridos no ambiente escolar (Apêndice II - evento nº 6). Entretanto, a evasão escolar aumentou, porque a volta ao presencial foi feita de forma compulsória e muitos alunos que trabalhavam no horário da aula não podiam comparecer e decidiram abandonar os estudos. (Apêndice II - evento nº 15).

Em 2021 a gente teve o seguinte agravante: muitos alunos na hora de retornar, quando teve o retorno compulsório em outubro, muitos alunos nossos não retornaram. Por que? Porque estavam sustentando a família, tava com o pai e a mãe desempregados e ele tava trabalhando de jovem aprendiz. Como ele ia dizer pro cara da empresa de jovem aprendiz que ele ia ter que parar de trabalhar e negociar isso porque ele tinha escola durante o dia? Pouquíssimos conseguiram organizar isso em outubro. (...) A evasão da pandemia foi maior do que nos anos antes da pandemia, é fato. E de 2021 para 2020 foi um pouco maior, porque a galera não pôde retornar. (Professora Bárbara – Apêndice II – evento nº 17)

A professora Cecília visou as dificuldades tecnológicas dos alunos e dos professores, e abordou o fato de que ela própria não teve grandes desafios nesse

aspecto, pois tinha os aparelhos tecnológicos e facilidade de manuseio. Ela afirmou que foi a primeira vez que deu aulas online, e devido a sua familiaridade com tecnologia aprendeu rápido a utilizar as plataformas e a entender a melhor forma de fazer a sua aula (Apêndice III - evento nº 8).

A professora concluiu que em 2021 os alunos começaram o ano letivo mais desanimados, pois perceberam que o ensino remoto não seria algo rápido como imaginavam inicialmente (Apêndice III - evento nº 20). Além disso, ela trabalhou em duas diferentes escolas durante a pandemia e comparou a realidade de cada uma delas:

São realidades diferentes. Eu tenho uma experiência muito grande em diferentes tipos de escolas (...). Trabalhei em uma escola estadual que era bem localizada, atendia um público com perfil socioeconômico diferenciado, então a relação com a família era mais positiva, menos conturbada, a presença da família na escola era maior. Quando você solicitava a presença dos pais em uma reunião pedagógica, os pais sempre estavam presentes. Diferente das escolas de periferia (que trabalhei), as famílias são ausentes, os pais não se importam muito com o ensino das crianças. A escola acaba sendo um depósito pros pais poderem ir trabalhar. (Professora Cecília – Apêndice III – evento)

Além desses problemas, durante as entrevistas outros desafios foram debatidos, e alguns já foram discutidos nos tópicos anteriores, como a dificuldade de encontrar os alunos e suas famílias, uma vez que o mapeamento dos estudantes ficou sob a responsabilidade de cada escola individualmente. Nas três entrevistas foi possível perceber como o trabalho das educadoras aumentou consideravelmente durante o ensino remoto. Além de cumprir o cronograma de aulas e reuniões semelhantes ao do ensino presencial, precisava fazer relatórios semanais detalhados para serem entregues às secretarias.

A professora Adriana relembra que era comum ela ter que trabalhar fora do seu horário de trabalho: “Eu ficava 1h a disposição da turma, todo dia de 10h às 11h. Mas tinha pais que falavam comigo de madrugada, querendo que eu respondesse 2h, 4h da manhã” (Apêndice I - evento nº 10).

No ano de 2021 algumas coisas mudaram, os processos burocráticos ficaram mais automatizados, os alunos e professores já estavam acostumados com a dinâmica das aulas online, mas o ensino híbrido trouxe novos desafios, a professora Bárbara comenta:

O prefeito de Caxias era negacionista, (...) então ele nunca foi a favor de nenhuma medida de restrição. Ao mesmo tempo, a escola é subordinada ao governo estadual, então criou-se um certo problema quando a aula retornou, porque a Secretaria de Educação dizia uma coisa e a prefeitura dizia outra. (Professora Bárbara - Apêndice II - evento nº 23)

Apesar do fato de que voltar ao ambiente escolar devolvia aos alunos o sentimento de pertencimento em relação à escola, a professora Bárbara percebeu a quantidade de alunos que retornaram com transtornos psicológicos. “Muito aluno com depressão, muito aluno na tarja preta, muito aluno tentando suicídio nesse período de 2020, 2021.” (Apêndice II - evento nº 19).

Ao ser questionada se essas demandas eram levadas à escola pela família, a professora Bárbara responde que sim. Ela reproduz algumas frases ditas pelas famílias: “diretora, meu filho não entregou a apostila porque ele tentou se matar essas últimas semanas”, ou “ele não entregou porque ele tá com depressão”, ou “ele não entregou porque está internado na clínica psiquiátrica” (Apêndice II - evento nº 19).

A professora Adriana também toca nesse assunto ao falar sobre as dificuldades que os professores enfrentarão com a volta do ensino presencial em 2022.

A gente vai ter que dar o colo mesmo (...), fazer várias rodas de conversas para conversar e entender aquilo que o aluno está passando. A gente vai ter que ser o ombro amigo, porque às vezes o ombro amigo que a gente precisa ser na escola é porque eles não têm em casa. Nessa parte que a gente que trabalha, (em escolas) periféricas, a gente sente muito essa falta, uma lacuna muito grande que a família não tá preenchendo. O professor tem que ser tipo psicólogo, tipo um pai ou uma mãe, que para para ouvir, tentar ser um amigo. (Isso tudo) para tentar não perder o aluno, pelo menos enquanto cidadão, nesse caso se não consegue aprender o conteúdo, pelo menos conseguir resgatar o psicológico dele pro equilíbrio. (Professora Adriana - Apêndice I - evento nº 39)

Esse fato evidencia como a emergência dos transtornos psicológicos é algo que está presente na vida de alunos da rede pública de periferias e precisa ser discutido e tratado com seriedade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos das professoras, é possível afirmar que a pandemia de Covid-19 evidenciou problemas preexistentes na sociedade. As escolas públicas de periferia não estavam preparadas para implementar um ensino online, não havia profissionais preparados para essa nova forma de ensino, e também não havia computadores nas escolas.

As secretarias de educação do Rio de Janeiro e Minas Gerais não ofereceram nenhum auxílio para os professores, seja ele de materiais tecnológicos ou de capacitação para o ensino remoto. Dessa forma, esses profissionais não tiveram nenhuma orientação sobre como fazer aulas online de qualidade, ou sobre como utilizar os recursos de mídia para que os alunos conseguissem compreender a matéria e se sentissem envolvidos nas aulas.

A falta de acesso à internet também foi um grande problema. Muitos alunos de periferias pobres não possuem internet em casa, e às vezes não possuem nem computador ou celular. Boaventura diz que “as redes sociais e a internet, que se apresentaram credivelmente como a grande promessa de democratização da vida social e política, hoje estão se transformando no instrumento central do capitalismo de vigilância e da destruição da vontade democrática.” (SANTOS, 2021, p. 24). Assim sendo, o uso da internet fez com que a segregação vivenciada pelos alunos pobres de periferia em relação aos alunos de escolas particulares e centrais aumentasse.

Além disso, o governo brasileiro e as secretarias de educação simplesmente ignoraram o fato de que as escolas públicas de periferia já vivenciavam inúmeras emergências anteriores à emergência sanitária proveniente da Covid-19. Dessa forma, contribuíram para o aumento da desigualdade social e legitimaram a segregação social, uma vez que a exclusão abissal experimentada pelos alunos no período pré-pandêmico aumentou durante a pandemia.

As medidas emergenciais tomadas pelos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro também contribuíram para o aumento da segregação. Não houve orientação clara por parte das secretarias sobre como seria o ensino remoto e as escolas ficaram à mercê de instruções vagas e demoradas. Houve demora para a orientação sobre os kits alimentação e não houve suporte para que a escola pudesse localizar as famílias.

O trabalho dos professores e dos gestores das escolas multiplicou-se consideravelmente e graças a eles o ensino remoto aconteceu. Apesar da dificuldade



e dos inúmeros desafios, foram esses profissionais que se dedicaram e conseguiram diminuir um pouco o abismo social que se formou entre o ensino público periférico e o particular.

Após as entrevistas com as três professoras foi possível perceber como os reflexos do ensino remoto na pandemia ainda serão vivenciados nos próximos anos, mesmo com as aulas já tendo retornado ao presencial. Este trabalho servirá como um registro, para que todos os professores possam acessá-lo quando precisarem se lembrar do quão desafiador foi essa época, e para que possamos entender as origens dos problemas futuros que a educação pública irá enfrentar.

Este trabalho de conclusão de curso dá margem para outras pesquisas que não foram feitas neste momento uma vez que ultrapassavam o escopo deste projeto. A exclusão digital vivenciada pelos alunos de periferia e a necessidade de se investir em tecnologias nas escolas públicas é um exemplo, pois a partir da fala das professoras foi possível perceber que a grande maioria dos alunos de periferia tiveram dificuldades em ter acesso à internet.

Além disso, os desafios enfrentados pelas escolas e pelos docentes ultrapassam os anos de 2020 e 2021, a mudança brusca na forma de educação interferiu no processo de formação dos alunos e isso só será percebido após o retorno ao ensino presencial. Dessa forma, as cicatrizes causadas por esses dois anos atípicos ainda serão sentidas por muito tempo.

Por fim, gostaria de agradecer a participação das professoras Adriana, Bárbara e Cecília que contribuíram enormemente para que esse registro pudesse se concretizar. As entrevistas aconteceram de forma muito enriquecedora para o trabalho e todos os questionamentos acerca do tema foram respondidos.

## 8 REFERÊNCIAS

ADHABI, E.; ANOZIE, C. B. Literature Review for the Type of Interview in Qualitative Research. **International Journal of Education**, v. 9, n. 3, p. 86-97, 2017.

AGÊNCIA SENADO. Pandemia prejudicou condição psicológica de estudantes, mostra pesquisa, 30 de mai. 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/30/pandemia-prejudicou-condicao-psicologica-de-estudantes-mostra-pesquisa>> Acesso em: 20 jul. 2022.

BEZERRA, C. F. M.; VIDAL, E. C. F.; KERNTOPF, M. R.; LIMA JÚNIOR, C. M.; ALVES, M. N. T.; CARVALHO, M. G. Violência contra as mulheres na pandemia do COVID-19: Um estudo sobre casos durante o período de quarentena no Brasil. **Id on Line Rev.Mult.Psic.**, vol.14, n.51, p. 475-485, Julho/2020. ISSN: 1981-1179

BORDIN, I. A.; CURTO, B. M.; MURRAY, J. Maternal recognition of child mental health problems in two Brazilian cities. **Brazilian Journal of Psychiatry**, p. 63-71, 2018.

BRASIL, 2020. Publicada a lei que autoriza a distribuição de alimentos adquiridos com recursos do PNAE durante a suspensão das aulas na rede pública, 8 de abr. 2020. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/aceso-a-informacao/institucional/area-de-imprensa/noticias/item/13438-publicada-a-lei-que-autoriza-a-distribui%C3%A7%C3%A3o-de-alimentos-adquiridos-com-recursos-do-pnae-durante-a-suspens%C3%A3o-das-aulas-na-rede-p%C3%BAblica>> Acesso em: 14 de jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Cidadania – Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. Conheça o PNAE. Disponível em: <http://mds.gov.br/compra-da-agricultura-familiar/pnae> Acesso em 14 de ju. 2022.

BROOKS, Samantha K.; WEBSTER, Rebecca K.; SMITH, Louise E.; et al.. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v. 395, n. 10227, p. 912–920, 2020.

CAMIZÃO, A. C.; CONDE, P. S.; VICTOR, S. L. A implementação do ensino remoto na pandemia: qual o lugar da educação especial? **Educ. Pesq.**, São Paulo, v. 47, 2021

CORONAVÍRUS BRASIL: Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde. Página Inicial. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 27 de jun. 2022.

DHESCA BRASIL. Objetivos e atuação. Disponível em: <<https://www.plataformadh.org.br/quem-somos/objetivos-e-atuacao/>> Acesso em: 25 de jul. 2

ESTEVES, Mariana L. **Educação e Pandemia: Análise da atuação federal no setor da educação frente aos desafios impostos pela pandemia**. 2021. 60 f. Monografia (Graduação em Direito) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

FERREIRA, H. G. R.; ALVES, R. G.; MELLO, S. C. R. P. O programa nacional de alimentação escolar (PNAE): alimentação e aprendizagem. **Revista da SJRJ**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 90-113, nov. 2018/fev. 2019.

HISTÓRICO DA PANDEMIA DE COVID-19, **Organização Pan-Americana da Saúde**, 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid->



SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. 2007. **Novos Estudos**, CEBRAP, v.79, p. 71-94, nov. 2007.

SOTERO, B.; SILVA, P. P. Resistimos a um luto que nunca cessa. **A vida resiste: além dos dados da violência**, Rio de Janeiro, CESeC, P. 30-33, 2021. Disponível em: <[http://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/07/REDE-DE-OBS\\_2\\_A-VIDA-RESISTE-\\_ALEM-DOS-DADOS-DA-VIOLENCIA.pdf](http://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/07/REDE-DE-OBS_2_A-VIDA-RESISTE-_ALEM-DOS-DADOS-DA-VIOLENCIA.pdf)> . Acesso em 31 de jul. 2022.

SOUSA, F. G. A.; PAULA, G. Q.; QUEIROZ, M. G. Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-9, 2021

VALADÃO, D. L.; ARAUJO NETO, W. N.; LOPES, J. G. S. Uma análise semiótica Peirceana no contexto de um episódio de aula de química orgânica no Ensino Superior. **Revista Debates em Ensino de Química**, v. 6, n. 2, p. 390-409, 2021.

VAZQUEZ, D. A.; CAETANO, S. C.; SCHLEGEL, R.; LOURENÇO, E.; NEMI, A.; SLEMIAN, A.; SANCHEZ, Z. M. Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. **Saúde Debate**, São Paulo, v. 46, n. 133, p. 304-317, abr-jun 2022.

ZANOTTI, Maria Eduarda. **A violência policial nas comunidades**: um estudo da chacina do Jacarezinho. Orientador: André Felipe Reis Pereira dos Santos. 2021. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Faculdade de Direito de Vitória, Vitória, 2021. Disponível em: <<http://repositorio.fdv.br:8080/bitstream/fdv/1206/1/TCC-%20Maria%20Eduarda%20Junqueira%20Zanotti.pdf>>. Acesso em: 31 de jul. 2022.

## APÊNDICE I - MAPA DE EVENTOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ADRIANA

**Quadro 2:** Perguntas da entrevista com a Prof. Adriana.

Pergunta 01	O <b>uso das redes sociais</b> durante o ensino remoto foi uma indicação da Secretaria de Educação ou foi uma decisão exclusivamente da escola?
Pergunta 02	Quais foram as <b>mudanças em relação ao seu trabalho</b> como professora, ao compararmos o ensino remoto com o ensino presencial antes da pandemia?
Pergunta 03	Como você via a <b>relação da escola com a comunidade</b> , com os alunos e com seus responsáveis, no período anterior à pandemia?
Pergunta 04	Em 2020, houve alguma <b>iniciativa de arrecadação de alimentos</b> , material escolar e/ou materiais tecnológicos por parte da escola ou do governo?
Pergunta 05	Em 2020, houve um mapeamento para identificar os <b>alunos que não possuíam acesso à internet</b> ?
Pergunta 06	Durante o ensino remoto houve um <b>debate entre os professores</b> para tentar amenizar o impacto social causado pela pandemia e aumentar a participação dos alunos?
Pergunta 07	Quais foram os <b>critérios</b> , no ensino infantil, <b>para os alunos serem aprovados</b> ou reprovados no ano de 2020, durante o ensino remoto?
Pergunta 08	Quais foram as <b>mudanças</b> que você percebeu <b>em relação a educação</b> em 2021, quando comparado ao que foi feito em 2020?
Pergunta 09	Qual a sua opinião em relação às <b>medidas tomadas pela Secretaria de Educação</b> e pela escola em relação ao ensino remoto durante 2020 e 2021?
Pergunta 10	Alguma das mudanças realizadas em 2020 e 2021 na educação, como por exemplo a utilização de <b>grupos no facebook e whatsapp</b> , continuará sendo utilizada após a volta ao ensino presencial em 2022?
Pergunta 11	Para finalizar, gostaria de saber se você concorda com a frase: <b>a pandemia foi um fator crucial para que a sociedade legitimasse a segregação</b> , e isso pôde ser observado quando se analisa as medidas tomadas pela educação pública durante esse período.

**Quadro 3:** Mapeamento da entrevista com a Prof. Adriana

N. O. <sup>8</sup>	I. E. <sup>9</sup>	F. E. <sup>10</sup>	Natureza do Evento	Tópicos	Descrição
01	00:00:00	00:03:00	Organizativo	-	Início da entrevista.
02	00:03:01	00:05:04	Apresentação da entrevistada	-	Trabalha em uma escola municipal em Nova Iguaçu - RJ. Em 2020 atuava como professora do ensino infantil (alunos de 3 a 5 anos).
03	00:05:05	00:06:06	Comentário da entrevistada	Ações emergenciais em 2020	A escola começou a utilizar grupos no <i>facebook</i> para postagens de atividades e grupos no <i>whatsapp</i> para comunicação com alunos e pais de alunos.

<sup>8</sup> Número de Ordem

<sup>9</sup> Início do Evento

<sup>10</sup> Fim do Evento

04	00:06:07	00:06:29	Comentário da entrevistada	Ações emergenciais em 2020	No começo do ensino remoto, em 2020, a entrevistada realizou um vídeo inicial tocando violão para se apresentar aos seus alunos. Utilização de vídeos apenas em momentos pontuais em que era necessário explicar atividades.
05	00:06:30	00:06:48	Comentário da entrevistada	Acesso à internet	Preferência por áudios de <i>whatsapp</i> em detrimento de vídeos, devido ao uso de dados móveis do celular dos alunos.
06	00:06:49	00:08:22	Comentário da entrevistada	Participação dos alunos e responsáveis	Relato sobre os diferentes níveis de participação dos pais e o quanto esse engajamento influenciou na aprendizagem dos alunos.
07	00:08:23	00:08:32	Pergunta 01	-	-
08	00:08:33	00:10:11	Resposta	Ações emergenciais em 2020	A SEMED (Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu) indicou usar as redes sociais para contactar os alunos, mas a escolha do <i>facebook</i> e do <i>whatsapp</i> foi decisão da escola. Utilização do <i>google forms</i> para avaliar o aprendizado dos alunos.
09	00:10:12	00:10:16	Pergunta 02	-	-
10	00:10:17	00:12:44	Resposta	Desafios do ensino remoto	Alega que a sua carga de trabalho aumentou, e relata que semanalmente fazia relatórios sobre o conteúdo trabalhado com os alunos. Ao final do mês eles eram enviados à SEMED.
11	00:12:45	00:13:08	Pergunta 03	-	-
12	00:13:09	00:14:10	Resposta	Período pré-pandemia	A interação com os pais dos alunos acontecia ao final da aula, no período em que eles buscavam os filhos em sala de aula. Além disso, existiam reuniões com os responsáveis.
13	00:14:11	00:14:45	Resposta	Participação dos alunos e responsáveis	Relata sobre os diferentes níveis de participação dos pais nas reuniões de responsáveis durante o período pré-pandemia.
14	00:14:46	00:15:04	Recolocação da pergunta 03	Participação dos alunos e responsáveis	Para que o assunto não mudasse repentinamente, refiz a pergunta questionando-a sobre a diferença da participação dos pais durante o ensino remoto, em comparação com o ensino presencial.

15	00:15:05	00:16:17	Resposta	Instabilidade financeira das famílias	Evidencia que a pandemia interferiu na condição financeira de algumas famílias e isso foi crucial para a participação dos pais na educação dos alunos.
16	00:16:18	00:16:44	Resposta	Políticas públicas	Relata que a prefeitura fez um cartão alimentação para as famílias. Destaca que alguns pais apenas se importavam com esse benefício e não com a educação de seus filhos.
17	00:16:45	00:18:28	Resposta	Instabilidade financeira das famílias	Dificuldade dos professores saberem quais pais estavam passando por dificuldades financeiras e quais pais apenas eram irresponsáveis e não acompanhavam o filho.
18	00:18:29	00:19:19	Resposta	Participação dos alunos e responsáveis	Turma de 25 alunos, mas apenas 10 ou 12 participaram das aulas remotas. Evidencia que apenas 5 alunos conseguiram participar efetivamente de todas as aulas.
19	00:19:20	00:19:50	Pergunta 04	-	-
20	00:19:51	00:20:32	Resposta	Políticas públicas	A SEMED inicialmente orientou a escola a entregar cestas de alimentação, e posteriormente cada família recebeu um cartão alimentação.
21	00:20:32	00:20:47	Pergunta 05	-	-
22	00:20:48	00:23:27	Resposta	Acesso à internet	Alega que pelos grupos do <i>facebook</i> e <i>whatsapp</i> era possível perceber que a maioria dos pais tinham acesso à internet, entretanto nem todos participavam ativamente. Evidencia a facilidade de se ter, nos dias de hoje, essas redes sociais no celular.
23	00:23:28	00:23:44	Pergunta 06	-	-
24	00:23:45	00:27:15	Resposta	Participação dos alunos e responsáveis	Nas reuniões pedagógicas havia orientação para que os professores fizessem aulas mais atrativas. Utilização de diferentes metodologias: vídeos, música, participação ativa dos alunos nas atividades.
25	00:27:16	00:27:30	Pergunta 07	-	-
26	00:27:31	00:29:10	Resposta	Reprovação	Durante o ensino presencial, os alunos são reprovados apenas quando atingem a

					quantidade de faltas máxima permitida. No ensino remoto todos os alunos foram aprovados.
27	00:29:11	00:29:48	Organizativo	-	Entrevistada pede licença para ajudar a avó que usa cadeira de rodas.
28	00:29:49	0:30:00	Pergunta 08	-	-
29	00:30:01	00:32:20	Resposta	Mudanças de 2020 para 2021	Em 2021 a SEMED ficou mais exigente. Os relatórios semanais ficaram mais completos, com fotos dos alunos. O processo de enviar atividades pelas redes sociais ficou mais sistematizado.
30	00:32:21	00:32:35	Recolocação da Pergunta 08	Mudanças de 2020 para 2021	Questionei a entrevistada sobre as mudanças em relação aos auxílios sociais.
31	00:32:36	00:34:11	Resposta	Mudanças de 2020 para 2021	Não houve mudanças. Evidencia a preocupação que a escola teve em procurar os alunos que não participavam das aulas, e em não prejudicar aqueles que perderam parentes durante a pandemia.
32	00:34:12	00:34:26	Pergunta 09	-	-
33	00:34:27	00:36:28	Resposta	Ações emergenciais	Acredita que as medidas foram válidas. Apesar de não ser comparável com a qualidade do ensino presencial, o ensino remoto foi feito nos melhores moldes possíveis. Evidencia que alguns pais contrataram 'explicadoras' para auxiliar na educação dos filhos. Elogia as medidas tomadas pela prefeitura, apesar da grande burocracia para apresentar os relatórios de aulas.
34	00:36:29	00:37:50	Comentário da entrevistada	Mudanças de 2020 para 2021	Relembra que em 2021 foi criado uma plataforma no <i>google</i> para que os relatórios semanais fossem anexados pelos professores e acessados pela orientação pedagógica, sem a necessidade de envio de e-mails.
35	00:37:52	00:37:56	Pergunta 10	-	-
36	00:37:57	00:41:32	Resposta	Retorno ao ensino presencial	No final de 2021, o ensino passou a ser híbrido, então os relatórios online, os grupos de <i>whatsapp</i> e <i>facebook</i> e as



					atividades remotas permaneceram. Evidencia o aumento da carga de trabalho durante esse período, sem adicional no salário. Em 2022, com a volta do ensino presencial, os grupos online pararam de ser utilizados pelos professores.
37	00:41:33	00:41:59	Pergunta 11	-	-
38	00:42:00	00:43:10	Resposta	Legitimação da segregação	Acredita que o período pandêmico legitimou a segregação. A pandemia aumentou a diferença entre aqueles que têm condição de ter acesso ao ensino remoto e aqueles com menor disponibilidade financeira para investir na educação.
39	00:43:11	00:46:10	Comentário da Entrevistada	Retorno ao ensino presencial	Relata sobre os desafios que os professores irão enfrentar em 2022 com a volta do ensino totalmente presencial. Discorre sobre a necessidade do professor em escutar os alunos, e servir como “ombro amigo”. Comenta sobre a falta de apoio familiar que muitos alunos de área periférica possuem.
40	00:46:10	00:47:48	Comentário da Entrevistada	-	A entrevistada explicou sobre o seu afastamento do trabalho presencial devido a sua gravidez.
41	00:47:49	00:49:43	Organizativo	-	Agradecimentos e término da entrevista.

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

## APÊNDICE II - MAPA DE EVENTOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA BÁRBARA

**Quadro 4:** Perguntas da entrevista com a Prof. Bárbara

Pergunta 01	Como você via <b>a relação da escola com a comunidade</b> , com os alunos e com seus responsáveis, no período anterior à pandemia?
Pergunta 02	Quais foram as <b>medidas emergenciais</b> durante a pandemia no ano de 2020?
Pergunta 03	Quais foram os <b>critérios para os alunos serem aprovados</b> ou reprovados no ano de 2020, durante o ensino remoto?
Pergunta 04	O que era o <b>kit alimentação</b> distribuído pela escola para as famílias dos alunos?
Pergunta 05	Quais foram as <b>mudanças</b> que você percebeu <b>em 2021</b> , quando comparado ao que foi feito em 2020?
Pergunta 06	A <b>evasão escolar</b> já é um problema educacional no Brasil há um tempo. Esse era um desafio que vocês enfrentavam na escola? Houve alguma mudança durante o ensino remoto?
Pergunta 07	Você me relatou sobre a alta rotatividade de professores na escola devido a realidade da região. Qual foi a sua <b>motivação para não sair dessa escola</b> , já que você continua trabalhando lá desde 2006?
Pergunta 08	Qual a sua opinião em relação às <b>medidas tomadas pela Secretaria de Educação</b> e pela escola em relação ao ensino remoto durante 2020 e 2021?
Pergunta 09	Para finalizar, gostaria de saber se você concorda com a frase: <b>A pandemia foi um fator crucial para que a sociedade legitimasse a segregação</b> , e isso pôde ser observado quando se analisa as medidas tomadas pela educação pública durante esse período.

**Quadro 5:** Mapeamento da entrevista com a Prof. Bárbara

N. O. 11	I. E. <sup>12</sup>	F. E. <sup>13</sup>	Natureza do Evento	Tópicos	Descrição
01	00:00:00	00:04:45	Organizativo	-	Início da entrevista.
02	00:04:46	00:06:52	Apresentação da entrevistada	-	Professora de química. Trabalha em uma escola estadual em Duque de Caxias - RJ desde 2006.
03	00:06:53	00:22:23	Comentário da entrevistada	Violência	A professora fez um breve histórico sobre a escola em que leciona Evidencia a grande rotatividade de professores na escola, devido à insegurança e violência da região.
04	00:22:24	00:22:49	Pergunta 01		
05	00:22:50	00:26:47		Período pré-pandemia	Relata que antes da pandemia haviam muitas reuniões de pais, e festas de formaturas na quadra. Explicita que a situação de violência urbana ao redor da

<sup>11</sup> Número de Ordem

<sup>12</sup> Início do Evento

<sup>13</sup> Fim do Evento

					<p>escola era uma pauta bastante discutida com os alunos e responsáveis.</p> <p>Evidencia que a escola rotineiramente criava projetos de diferentes temas para que os alunos pudessem conhecer outras realidades, e criar uma noção de pertencimento à escola.</p>
06	00:26:48	00:30:34	Comentário da entrevistada	Participação dos alunos e responsáveis	<p>Evidencia a dificuldade dos estudantes em se sentirem pertencentes ao ambiente escolar e a falta de maturidade para o retorno ao ensino presencial ao final de 2021.</p> <p>Aborda o fato de que durante o ensino remoto, devido a falta de acesso digital, houve baixíssima participação dos alunos, mesmo com os professores utilizando diferentes recursos para as aulas.</p>
07	00:30:35	00:30:45	Pergunta 02		
08	00:30:46	00:37:15	Resposta	Ações emergenciais em 2020	<p>Diz que inicialmente a Secretaria de Educação (SEEDUC-RJ) orientou os professores a fazerem aulas síncronas pelo aplicativo <i>Google Meet</i>.</p> <p>Os professores utilizaram as redes sociais para fazer grupos com os alunos e facilitar o contato com eles.</p> <p>Após alguns meses a SEDUC-RJ recomendou que as escolas distribuíssem mensalmente apostilas impressas que deveriam ser feitas pelos alunos e devolvidas.</p>
09	00:37:16	00:37:24	Pergunta 03		
10	00:37:25	00:37:44	Resposta	Reprovação	<p>A orientação da SEEDUC foi para que os professores aprovassem todos os alunos que entregassem pelo menos uma apostila, ou que tivesse feito alguma atividade online, independente do seu desempenho.</p>
11	00:37:45	00:37:50	Pergunta 04		
12	00:37:51	00:41:32	Resposta	Políticas públicas	<p>Relata que a SEEDUC-RJ orientou que o valor referente a merenda, recebido mensalmente pela escola, deveria ser utilizado para entregar kits alimentares para as famílias, mas não instruiu</p>

					de que forma isso deveria ser feito. A escola realizou uma busca ativa para mapear as famílias necessitadas e todo mês os kits eram montados pela escola e distribuídos.
13	00:42:33	00:42:47	Pergunta 05		
14	00:42:48	00:44:47	Resposta	Mudanças de 2020 para 2021	Relata que em 2021, em comparação com 2020, os grupos de <i>whatsapp</i> já estavam consolidados e as famílias já estavam mais acostumadas com a dinâmica de ter que ir mensalmente à escola pegar o kit alimentação e as apostilas. A escola recebeu verba para a realização das próprias apostilas, que eram menores e com melhor diagramação. A SEEDUC-RJ lançou um aplicativo de celular, porém muitos alunos não o utilizaram pois não tinham acesso à internet.
15	00:44:48	00:45:40	Comentário da entrevistada	Retorno ao ensino presencial	Relata que em outubro de 2021 o ensino passou a ser híbrido, o retorno foi compulsório e repentino, e muitos alunos não conseguiram acompanhar as aulas presenciais pois tinham que trabalhar. Relembra que muitos pais ficaram desempregados durante a pandemia, e então o filho precisava trabalhar para sustentar a família.
16	00:45:41	00:45:50	Pergunta 06		
17	00:45:51	00:49:48	Resposta	Evasão Escolar	Afirma que a evasão escolar foi maior durante os anos de pandemia do que durante os anos pré-pandemia. Ressalta que ao comparar os dois anos pandêmicos, 2021 teve maior evasão escolar do que em 2020, devido a volta ao ensino presencial.
18	00:49:49	00:49:55	Recolocação da pergunta 05	Mudanças de 2020 para 2021	Resgatei a pergunta anterior para que a entrevistada pudesse falar sobre as mudanças observadas na participação dos alunos em aula.
19	00:49:56	00:54:00	Resposta	Mudanças de 2020 para 2021	Relata que em 2021 os alunos foram reinseridos no ambiente escolar, portanto a participação deles foi um

					<p>pouco melhor que no ano anterior.</p> <p>Ressalta o fato de que muitos alunos apresentaram quadros de depressão e uso de medicamentos psiquiátricos.</p>
20	00:54:01	00:54:13	Pergunta 07		
21	00:54:14	1:03:31	Resposta	Desafios da profissão	<p>Explica que apesar de ser uma escola imersa em uma realidade muito violenta, com diversos problemas internos, acredita que ainda pode contribuir com a educação de muitos alunos.</p> <p>Exemplifica essa afirmação com alguns casos de ex-alunos que seguiram a área de magistério e de química.</p> <p>Relata que o seu trabalho nessa escola é uma luta árdua mas que vale a pena, pois no fim se considera inspiração para muitos alunos.</p>
22	01:03:32	01:03:48	Pergunta 08		
23	01:03:49	01:11:10	Resposta	Ações emergenciais	<p>Relata que as medidas emergenciais foram confusas. Os protocolos indicados pela prefeitura de Duque de Caxias não estavam em consonância com a orientação da SEEDUC-RJ.</p> <p>Acredita que a SEEDUC-RJ ignorou a realidade de escolas de periferia, onde os alunos não têm acesso à internet e onde a região não possui entrega de correio, portanto as apostilas impressas não conseguiam chegar ao destino final.</p> <p>Diz que as decisões do governo não foram dialogadas com as escolas.</p>
24	01:11:11	01:40:12	Comentário da entrevistada	Novo ensino médio	<p>Relata sobre as dificuldades de implementação do novo ensino médio na volta ao ensino presencial em 2022.</p> <p>Aborda o fato de que no início do ano ainda não havia percurso formativo, e que está muito confuso para os professores entenderem a mudança.</p> <p>Relata que os alunos estão desmotivados e não se envolvem em discussões nas aulas.</p>

25	01:40:13	01:40:20	Pergunta 09		
26	01:40:21	01:43:12	Resposta	Legitimação da segregação	Acredita que o período pandêmico legitimou a segregação. Diz que tem medo do futuro, pois a realidade está se parecendo muito com a realidade da sua adolescência no final da ditadura militar, onde a mobilidade social era rara.
27	01:43:12	01:50:07	Organizativo	-	Agradecimentos e término da entrevista.

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

## APÊNDICE III - MAPA DE EVENTOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA CECÍLIA

**Quadro 6:** Perguntas da entrevista com a Prof. Cecília.

Pergunta 01	Como você via a <b>relação da escola com a comunidade</b> , com os alunos e com seus responsáveis, no período anterior à pandemia?
Pergunta 02	A <b>evasão escolar</b> já é um problema educacional no Brasil há um tempo. Esse era um desafio que vocês enfrentavam na escola? Qual medida a escola tomava para tentar evitar isso?
Pergunta 03	Em 2020, com o início da pandemia, sabemos que a educação sofreu graves interferências, qual foi o <b>maior desafio que enfrentou em relação à sua profissão</b> ?
Pergunta 04	Com o início do ensino remoto, quais foram as <b>mudanças</b> que aconteceram na <b>dinâmica das aulas</b> ? Quais foram as <b>medidas tomadas pelo governo</b> para adaptação do ensino para essa nova realidade?
Pergunta 05	Como foi a <b>participação dos alunos</b> durante o ensino remoto?
Pergunta 06	Em 2020, houve alguma <b>iniciativa de arrecadação de alimentos</b> , material escolar e/ou materiais tecnológicos por parte da escola ou do governo?
Pergunta 07	Em 2020, houve um <b>mapeamento para identificar os alunos</b> que não possuíam acesso à internet?
Pergunta 08	Quais foram as <b>mudanças</b> que você percebeu em <b>relação a educação</b> em 2021, quando comparado ao que foi feito em 2020?
Pergunta 09	O estado de Minas Gerais disponibilizou <b>material impresso</b> para os alunos. Como eram esses materiais?
Pergunta 10	Ao final de 2021, o <b>ensino híbrido</b> foi empregado nas escolas estaduais. Como foi essa mudança?
Pergunta 11	Qual a sua opinião em relação às <b>medidas tomadas pela Secretaria de Educação</b> e pela escola em relação ao ensino remoto durante 2020 e 2021?
Pergunta 12	Você, olhando em retrospectiva, teria feito algo de diferente em relação a sua <b>forma de trabalhar</b> ?
Pergunta 13	Para finalizar, gostaria de saber se você concorda com a frase: <b>A pandemia foi um fator crucial para que a sociedade legitimasse a segregação</b> , e isso pôde ser observado quando se analisa as medidas tomadas pela educação pública durante esse período.

**Quadro 7-** Mapeamento da entrevista com a Prof. Cecília

N. O. <sup>14</sup>	I. E. <sup>15</sup>	F. E. <sup>16</sup>	Natureza do Evento	Tópicos	Descrição
01	00:00:00	00:01:00	Organizativo	-	Início da entrevista.
02	00:01:01	00:02:53	Apresentação da entrevistada	-	É bacharel e licenciada em geografia e atua como professora estadual desde 2015. Durante a pandemia trabalhou em duas escolas estaduais diferentes no município de Belo Horizonte - MG, em 2020

<sup>14</sup> Número de Ordem

<sup>15</sup> Início do Evento

<sup>16</sup> Fim do Evento

					deu aulas para o ensino fundamental, e em 2021 para o ensino médio.
03	00:02:54	00:03:10	Pergunta 01		
04	00:03:01	00:04:30	Resposta	Participação dos alunos e responsáveis	Relata que cada escola possui uma relação diferente com a comunidade. Destaca que a condição socioeconômica das famílias está diretamente relacionada com a participação delas na vida escolar dos alunos.
05	00:04:31	00:04:50	Pergunta 02		
06	00:04:51	00:05:56	Resposta	Evasão escolar	Afirma que a evasão escolar é um problema discutido em escolas do ensino médio, mas não em escolas do ensino fundamental.
07	00:05:57	00:06:41	Pergunta 03		
08	00:06:42	00:08:47	Resposta	Acesso à internet	Afirma que não houve grandes desafios para ela, uma vez que ela possuía um computador com acesso à internet, familiaridade com tecnologia, e tinha um ambiente propício para o trabalho remoto. Reconhece que essa não era a realidade de outros professores, e acredita que o maior desafio enfrentado por eles foi o uso da tecnologia.
09	00:08:48	00:09:02	Pergunta 04		
10	00:09:03	00:11:35	Resposta	Ações emergenciais em 2020	O estado de Minas Gerais disponibilizou aulas no canal de televisão Rede Minas de acordo com um cronograma de matérias e ano escolar. Foi feita uma plataforma onde os alunos podiam tirar dúvidas com os professores, através de um chat, durante o horário de expediente do professor. Evidencia que durante 2020 essas medidas foram feitas de forma muito bagunçada e que em 2021 houve uma melhora. Alega que as aulas gravadas e os materiais disponibilizados eram de baixa qualidade. Apesar da secretaria de educação não ter orientado sobre aulas online, ela decidiu, junto com outros professores, a disponibilizar aulas síncronas para o ensino médio, pelo <i>Google Meet</i> .
11	00:11:36	00:11:43	Pergunta 05		



12	00:11:44	00:13:22	Comentário da entrevistada	Participação dos alunos e responsáveis	Relata a baixa participação dos alunos, e justifica que eles não tinham tempo e nem interesses no ensino remoto. Evidencia que não conseguia dar boas aulas devido a falta de tempo hábil, e a não linearidade das matérias (o que era ensinado nas aulas da televisão não correspondia ao que era visto na escola).
13	00:13:22	00:13:50	Comentário da entrevistada	Ações emergenciais	Os professores que deram as aulas no programa de televisão eram professores efetivos da rede estadual de ensino que se candidataram em um edital interno aberto pelo estado de Minas Gerais.
14	00:13:51	00:14:02	Pergunta 06		
15	00:14:03	00:18:07	Resposta	Políticas públicas	Salienta que não houve nenhum auxílio para os professores. Para os alunos houve um auxílio alimentação durante os dois anos. As escolas ao receber o dinheiro para a merenda, compravam alguns alimentos, faziam 'kits alimentação' e disponibilizavam para as famílias.
16	00:18:08	00:18:31	Organizativo	-	A ligação precisou ser encerrada, e uma nova ligação se iniciou
17	00:00:00	00:00:52	Pergunta 07		
18	00:00:53	00:01:42	Resposta	Políticas públicas	O estado orientou as escolas a identificar as famílias, porém não informou de que forma essa busca deveria ser feita. Houve uma busca ativa por parte das escolas, mas a entrevistada não sabe explicar detalhadamente como isso foi feito.
19	00:01:43	00:02:00	Pergunta 08		
20	00:02:01	00:03:29	Resposta	Mudanças de 2020 para 2021	Como os professores estavam mais acostumados, o processo ficou mais automatizado. A participação dos alunos permaneceu baixa. Os estudantes ficaram mais desmotivados, uma vez que perceberam que o ensino remoto não acabaria tão cedo. As aulas e os materiais permaneceram sendo de má qualidade. Famílias que viviam em situação de vulnerabilidade

					social tiveram sua situação agravada e isso refletiu na participação dos alunos nas aulas.
21	00:03:30	00:03:45	Pergunta 09		
22	00:03:46	00:05:28	Resposta	Material impresso	A cada bimestre o estado disponibilizava na plataforma um PET (plano de estudo tutorado): apostilas separadas por conteúdo. Os alunos podiam baixar o arquivo ou pegar o material impresso na escola. Evidencia que em teoria os alunos precisavam entregar esse material feito, porém vários alunos não fizeram e mesmo assim tiveram que ser aprovados.
23	00:05:29	00:06:52	Comentário da entrevistada	Reprovação	Explica que durante a pandemia, em 2020, além da progressão parcial do estudante, o estado aprovou a progressão continuada, situação em que o aluno é aprovado compulsoriamente independente do seu desempenho nas matérias. Destaca que essa foi uma decisão com pontos positivos e negativos.
24	00:06:53	00:07:00	Pergunta 10		
25	00:07:01	00:08:13	Resposta	Mudanças de 2020 para 2021	Explica que ao final de 2021 o ensino passou a ser híbrido. Em 2021 não houve aprovação compulsória como no ano anterior, mas ainda foi Ainda utilizaram os PET.
26	00:08:14	00:08:29	Pergunta 11		
27	00:08:30	00:10:57	Resposta	Ações emergenciais	Acredita que as medidas tomadas não foram ideais, entretanto devido à situação do estado na pandemia, considera que foram as únicas possíveis no momento. Avalia que as medidas foram melhores do que se o estado tivesse apenas suspenso as aulas por tempo indeterminado. Aborda sobre a importância do estado de Minas Gerais investir em tecnologias em sala de aula, pois a falta de familiaridade com equipamentos e com a internet foi um dos grandes problemas durante esse período.
28	00:10:58	00:11:05	Pergunta 12		

29	00:11:06	00:11:31	Resposta	Desafios do ensino remoto	Acredita que suas aulas foram as melhores que conseguiu dar, pois identificou que os problemas do ensino remoto eram muito maiores do que ela poderia resolver.
30	00:11:32	00:11:59	Pergunta 13		
31	00:12:00	00:13:37	Resposta	Legitimação da segregação	Acredita que o período pandêmico legitimou a segregação. Aborda o fato de que a pandemia escancarou algumas fragilidades que a sociedade vive, entre elas a desigualdade social. Acredita que esse período fez com que fosse possível que a sociedade identificasse melhor esse abismo social, e também contribuiu para que esse abismo aumentasse.
32	00:13:38	00:14:47	Organizativo	-	Agradecimentos e término da entrevista.

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)